Nós queremos ser um só para melhor servir a todos

Legenda da Bandeira dos Bombeiros do Distrito de Aveiro

Lusitânia-Aveiro

BOLETIM COMEMORATIVO

GUIÃO

Nota da Redacção. Os artigos seleccionados para a presente Antologia foram transcritos de «Humanitária» dois números de comemorativas, das Bodas de Ouro e de Diamante, dos **Bombeiros Velhos, de Aveiro**), excepto o do saudoso D. Manuel Trindade Salgueiro, que veio a lume em «Bodas de Ouro», dos **Bombeiros Voluntários de Oliveira de Azeméis.**

AGRADECIMENTO

Em nome do Corpo Redactorial do presente **Boletim Comemorativo,** *em cuja chefia me responsabilizou a* **Comissão Central Organizadora do XIX Congresso dos Bombeiros Portugueses,** *aqui deixo consignado o mais profundo reconhecimento pela solicitude de quantos tornaram possível — com seus valiosos escritos, imprescindíveis informações e generosa concessão de publicidade — a edição destas despretenciosas páginas.*

Aveiro, Setembro de 1970

Lúcio Lemos

GRIMPA GLORIOSA

BOMBEIRO VOLUNTÁRIO: - Abre os teus braços
E abraça a Dor que alastra, em derredor . . .
— Ajuda e ampara sempre os frouxos passos
Dos que precisam de carinho e amor.

Faz dos teus braços generosos laços
De humano amplexo cada vez maior,
E apaga, com ternura, os negros traços
Das almas torturadas pela Dor.

Dia e noite àlerta, de alma erguida,
Tua missão na Vida é dar a Vida,
Espalhar, cristãmente, o Bem, a rodos.

É dar-se em corpo e alma, humanizar-se . . .
— E após dar sangue e vida, é lamentar-se
Por ter tão pouco para dar a todos ! . . .

Carlos de Moraes

1970

PROGRAMA GERAL DO
XIX Congresso dos Bombeiros Portugueses

AVEIRO • SETEMBRO • 1970

DIA 9, QUARTA-FEIRA

Às 15.00 h. — Abertura da Secretaria do Congresso, na Comissão Municipal de Turismo, à Praça da República, para entrega de documentação e informações aos senhores Congressistas.
Às 18.00 h. — Hastear das bandeiras — Nacional, da Liga e da Cidade — na Praça da República, seguindo-se a inauguração das exposições sobre temas de socorros: de material (clássico e actual); bibliográfica; e filatélica e medalhística.
Às 21.30 h. — Sessão solene no Teatro Aveirense.

DIA 10, QUINTA-FEIRA

Às 9.30 h. — Primeira reunião de trabalhos, no Salão Municipal de Cultura.
Às 15.00 h. — Segunda sessão de trabalhos.
Às 21.30 h. — Concerto Coral pelo Orfeão de Vagos na igreja da Misericórdia.

DIA 11, SEXTA-FEIRA

Às 9.30 h. — Terceira sessão de trabalhos.
Às 12.00 h. — Embarque para passeio na Ria. Almoço no Abrigo-Miradouro de S. Jacinto oferecido pelo Grémio do Comércio de Aveiro.
Às 19.00 h. — «Pôr-do-Sol», nos terraços do Hotel Imperial, homenagem da Comissão Municipal de Turismo aos senhores Congressistas.
Às 21.30 h. — Quarta sessão de trabalhos.

DIA 12, SÁBADO

Às 9.30 h. — Quinta e última reunião de trabalhos, durante a qual serão apreciadas e votadas as conclusões do Congresso, a apresentar a Sua Excelência o Ministro do Interior.
Às 14.30 h. — Exercício-demonstração, no porto de pesca, pelas corporações de Aveiro e de Ílhavo.
Às 17.00 h. — Desfile etnográfico seguido de exibição folclórica.
Às 20.30 h. — Banquete oficial de homenagem aos senhores Congressistas.
Às 22.00 h. — Espectáculo «De Bombeiros para Bombeiros».

DIA 13, DOMINGO

Às 10.30 h. — No Largo de Santo António, missa campal concelebrada, sob presidência do venerando Bispo de Aveiro.
Às 11.30 h. — Inauguração, no Largo de Maia Magalhães, do Monumento «Ao Bombeiro», oferta do Município Aveirense como preito aos Bombeiros de Portugal.
Às 16.00 h. — Desfile, apeado e de viaturas, dos Bombeiros Portugueses.

NOTA

- As senhoras familiares dos Congressistas será proporcionado o seguinte especial programa:
  — no dia 10: às 10.30 h., visita guiada, na Vista-Alegre, ao Museu, complexo fabril e igreja de Nossa Senhora da Penha de França.
  — no dia 12: às 10.30 h., visita guiada ao Museu de Aveiro; às 16.00 h., chá oferecido por senhoras aveirenses, na Casa do Parque, no decorrer de uma passagem de modelos.

CONGRESSO/70

Teses e Comunicações

Quinta-feira, 10

1.ª SESSÃO DE TRABALHOS — Às 9.30 horas

1.ª TESE : «Defesa contra o fogo — campanha nas escolas primárias», pelo Dr. Lúcio de Jesus Lemos, Comandante do Corpo Privativo de Bombeiros Voluntários da Companhia Portuguesa de Celulose — Cacia.

2.ª TESE : «As matas — o fogo — o Bombeiro voluntário», pelo Eng.º José António da Piedade Laranjeira, Comandante dos Bombeiros Voluntários de Albergaria-a-Velha.

3.ª TESE : «Idade de recrutamento e seus reflexos na vida das Corporações», pelo Tenente Francisco França de Sousa, Comandante dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses.

4.ª TESE : «O voluntariado e as dificuldades com o recrutamento de pessoal», por Augusto da Silva Henriques, Chefe dos Bombeiros Voluntários de Albergaria-a-Velha.

- *Hora provável de encerramento: 13 horas*

2.ª SESSÃO DE TRABALHOS — Às 15 horas

1.ª TESE : «Rumos para o Voluntariado; uma contribuição para o seu estudo», por José Acúrcio, Presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Albergaria-a-Velha.

2.ª TESE : «O primado do espírito na formação do bombeiro», pelo Eng.º Pedro F. Albuquerque Barbosa, Vice-Presidente dos Congressos dos Bombeiros Portugueses.

3.ª TESE : «Acidentes de viação e outros», pelo Eng.º José António da Piedade Laranjeira, Comandante dos Bombeiros Voluntários de Albergaria-a-Velha.

4.ª TESE : «Posição pessoal e social do voluntário», por Abel Ferreira de Castro, Director da Associação Visiense de Bombeiros Voluntários.

5.ª TESE : «Organização de socorros à escala nacional», por José Nunes Martins, Ajudante de Comando dos Bombeiros Voluntários Espinhenses.

- *Hora provável de encerramento: 19.30 horas*

Sexta-feira, 11

3.ª SESSÃO DE TRABALHOS — Às 9.30 horas

1.ª TESE: «Como extraír o maior rendimento do binómio bombeiros-empresas industriais», pelo Dr. Lúcio de Jesus Lemos, Comandante do Corpo Privativo de Bombeiros Voluntários da Companhia Portuguesa de Celulose — Cacia.

2.ª TESE: «Os Corpos de Bombeiros Voluntários e os piquetes de prevenção nas casas de espectáculos públicos», por J. L. de Figueiredo, Presidente do Conselho Fiscal dos Bombeiros Voluntários de Braga.

3.ª TESE: «Criação de flâmula para as Inspecções de Incêndios», por António Vitorino Portal, Comandante dos Bombeiros Voluntários de Campo Maior.

- *Hora provável de encerramento: 11.30 horas*

4.ª SESSÃO DE TRABALHOS — Às 21.30 horas

1.ª TESE: «Protecção de bermas de estradas», por António Vitorino Portal, Comandante dos Bombeiros Voluntários de Campo Maior.

2.ª TESE: «Impostos», por Jorge Teles, Director dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique.

3.ª TESE: «Palavras com vista à criação de um organismo superior e autónomo», pelo Dr. David Cristo, Presidente da Direcção da Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes», de Aveiro.

4.ª TESE: «A prestação gratuita de serviços na perspectiva cristã», por D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro.

- *Hora provável de encerramento: 00.10 horas de sábado*

Obs. *1) As teses não são lidas.*
2) Cada autor dispõe dos 10 minutos iniciais, no máximo, para resumo do seu tema.
3) Prevê-se a duração média de 30 minutos para discussão de cada tese.

EXERCÍCIO-DEMONSTRAÇÃO

TEMA

Sob mau tempo, o navio N navega para o porto P, do qual está, na altura, muito próximo.

Quando o N se encontra mesmo à entrada do porto, por causas que se desconhecem, mas com grandes responsabilidades para o mau tempo, acontece que o barco bate num baixio e fica encalhado.

Imediatamente após esta ocorrência, alguém em terra se apercebeu do que havia acontecido ao barco e apressou-se a pedir socorros para os bombeiros mais próximos.

Entretanto, a bordo, o capitão do navio inteira-se da situação, e conclui que entra água por um rombo no fundo do casco e não há possibilidade de safar o barco. As condições de tempo e de mar não permitem arrear as baleeiras para evacuar a tripulação. Perante tais conclusões, o capitão do barco decidiu pedir socorro para terra, por meio de telefonia. O pedido é escutado e atendido. As autoridades marítimas mandam avançar para o local do sinistro o salva-vidas estacionado no porto e as corporações dos bombeiros mais próximas.

Quando as ordens da autoridade marítima são expedidas, já os bombeiros avançam em socorro do barco sinistrado, em resposta à chamada que alguém lhes fez imediatamente após o sinistro. Acontece, portanto, que os bombeiros chegam ao local e começam a actuar muito antes do salva-vidas.

Chegada a primeira corporação de bombeiros ao molhe do porto, mais próximo do ponto do encalhe, o respectivo comandante decidiu iniciar imediatamente a evacuação do navio sinistrado, por meio de cabo de vai-e-vem e de bóia-calção. Outras duas corporações de bombeiros, chegadas em seguida e com pequenos intervalos, passam a coadjuvar a primeira nos trabalhos iniciados. Simultâneamente, cinco bombeiros vestem o seu equipamento de homens-rãs, ficando de prevenção para qualquer eventualidade que exija a sua actuação.

Estabelece-se o cabo de vai-e-vem e começam as tarefas de salvamento. Tudo está correndo da melhor maneira e em terra já há tripulantes salvos.

Em determinado momento, gera-se incêndio a bordo do navio encalhado, sendo os bombeiros informados pelos tripulantes salvos que já se encontram em terra de que o incêndio se deve ter declarado num pequeno compartimento que armazena produtos inflamáveis.

No momento em que deflagra o fogo a bordo do navio, dois dos seus tripulantes,

tomados de pânico, lançam-se impensadamente à água, procurando fugir do navio e alcançar terra a nado, tarefa que não será fácil em consequência do estado do mar. Ao verificar tal facto, o comandante de bombeiros que está na direcção das operações de salvamento manda os cinco homens-rãs já equipados atirarem-se à água para irem socorrer os dois descontrolados tripulantes que se lançaram para fora do navio.

Entretanto, e logo após dar ordens aos homens-rãs para actuar, o comandante decide enviar um chefe a bordo, na bóia-calção, para reconhecer a situação e informar se valerá a pena fazer algo para atacar o incêndio que deflagrou no navio, visto saber que os produtos inflamáveis em combustão seriam em pequena quantidade e, consequentemente, haver possibilidade de salvar-se o navio do fogo com reduzido esforço e desde que haja possibilidades de fazer seguir para bordo material de ataque a incêndios no barco salva-vidas, que já se vê a aproximar-se do local.

O chefe chega a bordo e inicia o reconhecimento. Entretanto, evacua-se o último membro da tripulação, pela bóia-calção.

A tripulação está salva. O chefe de bombeiros está no navio sinistrado a proceder ao reconhecimento do fogo. O salva-vidas está no local do sinistro.

De bordo, e utilizando um aparelho de telefonia, o chefe informa que, de facto, o incêndio é de pequenas proporções e o seu ataque será susceptível de êxito, visto que o fogo se encontra circunscrito ao compartimento onde teve o seu começo.

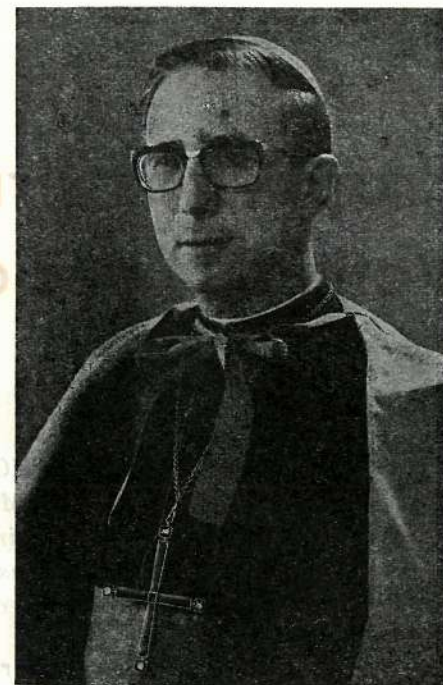
O comandante dos bombeiros, ainda que com algumas dificuldades, porque o mar está agitado, consegue fazer embarcar no salva-vidas o pessoal e o material que considerava necessário e suficiente para dominar o fogo.

O salva-vidas dirige-se para o navio sinistrado e o pessoal e material de ataque a incêndios monta o dispositivo ordenado pelo chefe que se encontra a bordo.

Em poucos minutos o incêndio é totalmente dominado.

Salvou-se o navio de ser pasto das chamas; salvou-se a sua tripulação.

Foram coroadas de êxito todas as operações de salvamento. Apenas o navio fica no local, batido pelas vagas, aguardando — para além de tudo quanto já foi feito para evitar a sua perda e a perda das vidas dos que nele se encontravam, em seguimento de uma pronta e eficaz actuação de todos os que se empenharam em tão abnegada tarefa — o mais que possa fazer para que reviva e volte a sulcar os mares.

O TÍTULO DE «VOLUNTÁRIOS» É UM BRAZÃO DE GLÓRIA

SAÚDO os Bombeiros Voluntários de Portugal!

O título de «voluntário» é um brasão de glória.

Numa sociedade que é tentada e, tantas vezes, vencida pelo interesse e pela ambição, ser bombeiro voluntário é proclamar, perante a consciência dos homens, que existem valores mais altos.

Se, por falta de incentivos externos ou — o que seria pior — por resfriamento do amor do próximo, os bombeiros voluntários tivessem de desaparecer, isso seria sintoma de uma decadência alarmante.

Confiamos em Deus que tal não há-de acontecer. É Ele que difunde o Seu Amor no mundo: que dá ao missionário a coragem de partir; que acende no coração da enfermeira dos leprosos o fogo que transfigura os doentes; que incita o bombeiro, como outrora, em Granada, o português S. João de Deus, a atirar-se às chamas, para salvar as vidas e os haveres dos outros.

Enquanto existirem Bombeiros Voluntários é sinal de que o amor gratuito do próximo continua a viver entre os homens.

† MANUEL, BISPO DE AVEIRO

Propósitos firmes
Vontade decidida

ESTAMOS a poucos dias da abertura do XIX CONGRESSO DOS BOMBEIROS PORTUGUESES a realizar na linda cidade de Aveiro. Alguns assuntos vão ser tratados a bem da causa dos Soldados da Paz, assuntos esses que vão desde os preços dos combustíveis até à organização de socorros à escala nacional.

Quem tomar conhecimento do programa que os Bombeiros se propõem tratar no seu Congresso ficará com uma impressão mais exacta dos desejos dos homens que dedicaram grande parte da sua vida ao Bem Comum EM PROL DA HUMANIDADE.

Há muitos indivíduos que, desconhecendo os anseios dos Bombeiros, criticam a realização dos Congressos, dizendo que não servem para nada.

Pobres deles pela sua ignorância!

Nada mais errado do que esta maneira de pensar, pois que, além dos problemas de interesse para o Bem Comum, há também necessidade de convivência, trocando impressões sobre a organização de cada Corporação, sempre úteis numa classe que tem por lema «VIDA POR VIDA».

Há ainda neste Congresso a inauguração do monumento «Ao Bombeiro», mandado erigir pela Câmara Municipal de Aveiro, que é merecedora, por isso, do reconhecimento de todos os Bombeiros, pela justiça que lhes é prestada.

É o segundo monumento que se ergue em Portugal: o primeiro foi inaugurado em Barcelos, há cerca de duas dezenas de anos, por um grande benemérito daquela terra, Manuel Vieira, infelizmente já falecido.

Vamos pois para este CONGRESSO animados dos melhores propósitos de trabalhar e com entusiasmo cada vez maior, para lutarmos por esta santa causa.

Matosinhos, Julho de 1970

FRANCISCO BAPTISTA RUSSO BELO
Presidente dos Congressos da Liga dos Bombeiros Portugueses

SÓ COM UNIDADE NA DETERMINAÇÃO HAVERÁ VITÓRIA NAS DESEJADAS SOLUÇÕES

Os **Bombeiros do Distrito de Aveiro** — hoje um só corpo com seus músculos repartidos por dezasseis dos dezanove concelhos do vasto e populoso rectângulo distrital — chamaram a si a ingente tarefa de receberem em terras aveirenses os Bombeiros de toda a terra lusitana. Principais organizadores e principais responsáveis pelos resultados do XIX CONGRESSO DOS BOMBEIROS PORTUGUESES, eles não querem que este Congresso seja sòmente mais um Congresso: propuseram-se colher da magna assembleia nacional o plasma revivificante dum VOLUNTARIADO que os egoísmos hodiernos ameaçam dessorar, neles subvertendo as ancestrais virtudes do nosso povo generoso; e, para além da camaradagem por uns dias, salutar mas fugaz, de homens que ainda porfiam em dar-se ao irmão-homem sem cálculo de interesses, os **Bombeiros do Distrito de Aveiro** querem refundar e consolidar aqui, para a perenidade, o alicerce, hoje vacilante, dessa humanitária determinação de servir; mas, por isso mesmo, querem que o seu abnegado serviço alcance a pública e a oficial dignificação a que tem irrecusável jus.

No Distrito anfitrião, onde se filiam agora tão determinados e salutíferos propósitos, que ao Chefe do Distrito, que é aveirense pelo berço e por todas as fibras do coração, se consinta este imodesto, mas sentido, conselho: sigam os Bombeiros de Portugal, A BEM DE PORTUGAL, o magnífico exemplo de unidade dos **Bombeiros do Distrito de Aveiro** !

FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES
Governador Civil

Que nada nos divida

AVEIRO, generosa e hospitaleira, será em breve centro e fulcro das atenções e dos cuidados dos Bombeiros de Portugal, de Portugal todo, do de Aquém e do de Além-Mar. Reunidos em Congresso, geral e magno, o XIX, eles irão dizer dos seu anseios e dar a conhecer das suas mágoas. Anseios que os levarão a melhor servir, mágoas por não terem melhor servido.

Tudo, tudo, seja pequeno ou grande, muito ou pouco, singelo ou complexo, fugaz ou duradouro, discreto ou grandioso, tudo será então discutido, tudo se deverá então discutir.

Poderá cada achega ser pequena de per si, mas todas elas juntas serão, por certo, contributo, forte e valioso, para o fomento e a valorização do Voluntariado.

E desde os problemas — que tanto os afligem e os consomem, que às coisas que os servem se reportam, e em aquisições e manutenção de material e viaturas se traduzem, passando pelas preocupações sempre latentes, e a marcar temperaturas elevadas e constantes no termómetro do dia-a-dia que as mede, inerentes às questões de seguros e outras afins — até à primordial e básica preparação do Voluntário, em que o Espírito tem as honras do primado, ou, melhor dizendo, não pode deixar de as ter, tudo será então discutido, tudo se deverá então discutir.

Pois um voto se formula, o mesmo que o Grande Estadista um dia formulou:

«Que se discuta, mas que nada nos divida».

Porto, Julho de 1970

PEDRO F. ALBUQUERQUE BARBOSA
Vice-Presidente dos Congressos da Liga dos Bombeiros Portugueses

SALUTAR UNIÃO DE TODOS NUMA ADMIRÁVEL FRATERNIDADE

AVEIRO rejubila. Rejubila por ter sido distinguida com a realização de mais um Congresso Nacional de Bombeiros — o XIX.

Rejubila e sente-se duplamente honrada por ser tablado de tão auspicioso encontro, por si e, especificadamente, porque, sendo cabeça de um Distrito onde as Corporações de Bombeiros todas se uniram em admirável fraternidade, aqui verá essa exemplar união justificada pelo nível da ingente organização que aos Bombeiros do Distrito foi deferida.

Tenho a certeza de ser intérprete, perante os mais lídimos representantes dos abnegados e generosos vigilantes das vidas e haveres dos Portugueses, do sentimento de gratidão dos Aveirenses que comungam e vivem o feliz acontecimento com inusitado e extremoso entusiasmo, e que o quiseram ver assinalado, com marca perene, no bronze moldado à melhor maneira representativa.

Rendo homenagem a essa grande família — a dos Bombeiros de Portugal — e saúdo congressistas, convidados de honra e todos os demais participantes, por humildes que sejam, em amplexo de fraterna hospitalidade, vaticinando e desejando os mais promissores resultados do salutar convívio dos dedicados servidores da generosa e nobilitante causa nacional.

ARTUR ALVES MOREIRA
Presidente da Câmara Municipal de Aveiro

Manifestação de Fé e de Entusiasmo

A linda e sempre acolhedora Cidade de Aveiro vai receber os nossos Bombeiros, durante o XIX CONGRESSO DOS BOMBEIROS PORTUGUESES. Tal como sempre tem sucedido, estou convencido de que a reunião dos representantes das Corporações e das Associações será mais uma alta manifestação de fé e de entusiasmo nos destinos desta causa humanitária a que todos nos temos dedicado.

Os componentes das Comissões Organizadoras, devido às suas altas qualidades e entusiasmo, garantem-nos que o CONGRESSO será um êxito no fim a que se destina, de propaganda e de estudo.

Sem distinguir Privativos, Voluntários, Municipais ou Sapadores, sou um apreciador sincero das altas qualidades morais e de sacrifício de todos os que se dedicam, de alma e coração, a esta tão nobre como digna CAUSA.

Para os camaradas de Aveiro, de tão nobres e dignas tradições, envio as minhas sinceras homenagens e o desejo de que alcancem o maior sucesso como Organizadores deste Congresso, que servirá, certamente, para unir ainda mais os Bombeiros de Portugal, de todas as partes do Mundo, melhorando os seus conhecimentos pela troca de informações e de novas técnicas de socorro. As reuniões de trabalho vão permitir que os Poderes Públicos se tornem conhecedores das suas necessidades, anseios e direitos, perante a grandiosa obra de protecção e de prevenção de que são obreiros há mais de uma centena de anos.

Como elemento dos Bombeiros da Zona Sul, não posso deixar de, num fraterno abraço, desejar as maiores felicidades a todos os Camaradas da Zona Norte e das Províncias Ultramarinas, fazendo votos por que continuem a dedicar o MELHOR DA SUA VIDA a esta NOBRE CAUSA que é de todos nós.

Lisboa, 27 de Julho de 1970

ROGÉRIO JAIME DE CAMPOS CANSADO
Cor. de Eng.ª, Inspector do Serviço de Incêndios da Zona Sul e
Comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros de Lisboa

UM VOTO

UMA vez mais, vão reunir-se, em Congresso, os Bombeiros Portugueses, desta vez, na acolhedora e sempre bela cidade de Aveiro.

E conscientes da sua responsabilidade e da alta missão a que voluntàriamente se entregaram, hão-de preparar-se, estudar os assuntos a submeter à discussão, no propósito único de se obter uma maior valorização dos nossos Corpos de Bombeiros.

Certamente que chegaremos a conclusões que se encaminharão para as autoridades competentes, para que as estudem também e lhes dêem as soluções que julgarem mais convenientes.

Infelizmente é difícil atingir a perfeição e quantas vezes o nosso desejo de acertar, e de fazer trabalho construtivo, não é bastante para conseguir deferimento para aquilo que julgamos errado e que necessita de ser alterado.

Mas havemos de compreender que outros problemas mais graves assoberbam os governantes e que, por não estar ainda devidamente compartimentado o sector de que dependemos, há demora nas soluções que urge encontrar ràpidamente, por falta de pessoal só dedicado ao seu estudo.

O número de Corporações e de Bombeiros já existentes, e o incremento que tiveram nos últimos anos, bem justificam a criação de uma Repartição, só a eles dedicada, não só para solucionar os casos que lhe forem presentes, mas até para tomar a iniciativa de medidas que tendam a melhorar a situação por vezes precária de alguns Corpos de Bombeiros.

Acreditamos em que a nossa reunião de Aveiro vai ser frutuosa, que além do aspecto social, sempre do maior interesse, terá um cunho técnico acentuado e que será mais uma manifestação da potencialidade do nosso voluntariado e uma certeza de que este Ideal frutificará.

Mas, para além de tudo, há um «render da guarda» consubstanciado na eleição dos dirigentes que hão-de ficar com o encargo de nos representar a todos, e dar, com a sua presença, um sinal de vivência em todos os Corpos de Bombeiros, que, no espaço português, alimentam e dão vida à missão mais generosa e cristã que se conhece.

Havemos todos de escolher bem, dando a nossa confiança, aplauso e incentivo aos eleitos, para que se sintam amparados e prossigam e ampliem o que já foi feito em prol do Voluntariado.

A missão que lhes incumbe não é fácil. Necessita de muita dedicação, espírito de sacrifício e até de renúncia a muito do que têm legítimo direito de usufruir. Mas a hora é de trabalho, para, todos unidos, obtermos o que desejamos.

Uma vez mais, vamos dar uma prova de civismo e havemos de ser dignos da nossa missão. A cidade de Aveiro, em festa para receber os Bombeiros Portugueses, vai ser o cenário digno para, em euforia, todos agradecermos a Deus a graça de nos ter feito romeiros da caridade e de ter possibilitado que nos realizássemos espiritualmente, servindo os outros.

Aqui fica uma palavra de esperança e um agradecimento àqueles que, através das várias Comissões, não se têm poupado a esforços para que a «Cidade da Ria», com o rendilhado das suas margens, possa também ficar ufana do altíssimo serviço que prestou aos Bombeiros de Portugal.

ANTÓNIO DE MOURA E SILVA
Presidente do Conselho Técnico e Administrativo
da Liga dos Bombeiros Portugueses
Vice-Presidente do C. T. I. F.

HERÓIS DUMA ORDEM SUPERIOR

D. MANUEL TRINDADE SALGUEIRO

REPITO a sentença conhecida: Onde quer que uma pessoa procura o bem, aí se acende um foco de luz espiritual.

Mas a luz é mais intensa, sempre que o bem se realiza com sacrifício, e atinge o seu explendor maior, quando por amor se expõe a própria vida.

Por isso mesmo, o Bombeiro que se lança na arrepiante, trágica voragem dos incêndios, ou se apresta para fazê-lo, à primeira voz do chamamento, é cruzado da benemerência social, que teve o seu máximo expoente em Cristo, Senhor Nosso, o qual, depois de derramar ondas de luz e de perdão na inteligência e no coração dos homens — dos homens do Seu tempo e dos homens de todas as idades — generosamente morreu numa Cruz, para redimir a humanidade pecadora.

Efectivamente, quando o Bombeiro, com dedicação sublime, arrosta a fúria louca das labaredas implacáveis, é em acto herói duma ordem superior; e é-o ainda, mesmo fora dos sinistros temerosos, pela disposição abnegada de sacrificar a sua vida, para salvar a vida e os haveres do seu semelhante, talvez desconhecido e porventura adversário irredutível.

Esta a razão por que um Bispo da Madre Santa Igreja não pode deixar de, comovidamente, admirar e estimar os Bombeiros, nobres soldados da paz, que por seu impressionante sacrifício também servem a Deus, quiçá sem o saberem.

JUNHO DE 1959

Na hora certa e no momento próprio

JUSTA HOMENAGEM

Ao decidirmos transcrever neste «Boletim Comemorativo» uma página do Dr. David Cristo — primeiro e já reconduzido Presidente da Mesa dos Encontros das Direcções dos **BOMBEIROS DO DISTRTIO DE AVEIRO e, agora, Presidente também da** Comissão Central Organizadora do **CONGRESSO-70 — moveram-nos dois propósitos : divulgar, por esta forma, levando ao conhecimento de todos os Bombeiros, reunidos em magna assembleia, o magnífico escrito que tão expressivamente lhes respeita, dado inicialmente à estampa, sob a sugestiva epígrafe «Um escândalo !», em «HUMANITARIA» (1957) ; e prestar justíssima e sincera homenagem ao «bombeiro sem farda» — assim o Dr. David Cristo costuma intitular-se — , mas nem por isso menos Bombeiro do que qualquer dos mais prestigiosos e galardoados Bombeiros portugueses, além do mais pelo contagiante entusiasmo com que, desde o primeiro minuto em que se começou a falar da efectivação em Aveiro do XIX CONGRESSO, procurou mentalizar a todos, como só ele sabe, no sentido de que o importante acontecimento venha a constituir uma realização séria, válida e proveitosa, com vista ao tão desejado fomento, valorização e dignificação dos Bombeiros de Portugal.**

A REDACÇÃO DO «BOLETIM»

AO primeiro silvo da sereia, lúgubre na quietude sonolenta daquela manhã de Verão, o bombeiro saltou da cama, como se percutido por mola gigantesca, e correu — nu ! ! ! — para o seu quartel.

Atravessou as ruas do bairro, ali na Beira-Mar, — nu !!! — sob as vistas escandalizadas do mulherio, que sempre, em emergências sinistras, assoma às portas «p'ra saber onde é o fogo».

Um escândalo !

Quando me relataram a insólita ocorrência, visionei o piloso varão direito às bombas, lesto como Mercúrio, e tão absorto em seu humanitário desvario que de todo se esquecera de que os seus pés poisavam nesta miseranda terra, exigente, mesmo para os deuses, quando menos, do resguardo da parra edénica.

E não contive uma gargalhada — essa gargalhada vil que se gera na epiderme das convenções, como borbulhaço de recôndito ácaro.

Pensei depois que talvez Freud não risse. E pensei ainda que Freud leva, ao comum dos mortais, a vantagem de não ter bom-senso; perfura desapiedadamente a estratificada crosta de milenárias hipocrisias e de sórdidos interesses, rasga as pesadas roupagens tecidas com o fio de ancestralidades a reflectir conveniências no falso dourado de européis — e procura, nas fundas radículas do homem, o homem verdadeiro, santo ou demónio, águia ou gusano, seixo ou universo. E, para tanto, cruel mas sincero, Freud desnuda o homem.

Nauseamo-nos ao ver, por feitiços do sábio, surgir de rescendentes

púrpuras hediondas deformações? Deslumbramo-nos quando nos sai Apolo dum gibão esfarrapado? — É que os nossos olhos não têm agudeza nem coragem para contemplar a Verdade sem véus; nem são os olhos ingénuos daquela criança da lenda que denunciou à multidão circunspecta e formal a nudez bojuda do seu rei.

Freud e o menino não ririam, como eu ri estùpidamente, do bombeiro que ia nu, nem se escandalizariam como as mulheres pudibundas; antes pensavam que a abnegação do nosso homem — tão espontânea que, ao primeiro grito de angústia, logo voou, num salto colossal, por sobre a sólida montanha de venerados pejos — só tem olhos para as tragédias alheias, e tão exclusivamente postos nas ansiedades do seu irmão em perigo, que não dão conta de que a folha de parra ficou esquecida no arcaz das decências.

A Mitologia fez os deuses como deuses; mas os homens vestiram o coração dos deuses da farrapada humana. Daí não sabermos lobrigar o altruísmo quando desardonado dos trapos pomposos deste mundo feito aderecista de comediantes.

Nos setenta e cinco anos de existência da benemerente Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, somam-se, feitas as contas, mais de vinte e sete mil dias e muito para cima de meio milhão de horas de permanente vigília — inacreditável contributo de várias gerações de homens tão despidos de interesses que, em sua desnuda devoção humana, correm para os perigos onde periga uma vida, esquecidos da sua própria vida; e correm tão velozmente que, às vezes, lhes sucede deixarem em casa, denvolta com as suas esquecidas roupas de pobres, a viuvez e a orfandade, lutos de humildes, sem glória — porque o Mundo, que ri do bombeiro que vai nu, não descobriu ainda para tão louco heroísmo aquelas faustosas roupagens com que veste, de comum, as fátuas vaidades dos grandes...

DAVID CRISTO

BOMBEIROS

CONGRESSO/70

AGORA OU NUNCA

LÚCIO LEMOS

AVEIRO — cidade por muitos considerada, de forma vincada e inequìvocamente elogiosa, como a «Cidade dos Congressos» — vai ser o cenário unânimemente escolhido para a realização do XIX Congresso dos Bombeiros Portugueses.

Não é por demais repetir e realçar que, se, por um lado, o estatutário, o Congresso não é mais nem menos do que a Assembleia Geral da Liga (ou Confederação) dos Bombeiros Portugueses, por outro, bem mais significativo, sem dúvida, o Congresso é o palco onde são (ou deviam ser) apresentadas teses e discutidos problemas de cujas conclusões se admitem e se desejam soluções práticas, reflexos válidos para os humanitários temas em causa. Até agora, «já lá vão» 18 Congressos realizados nas mais diversas localidades do País.

Esses 18 Congressos constituiram outras tantas assembleias magnas em que, acima de tudo, prevaleceram (ou acabaram por constituir exclusivo motivo) as manifestações de camaradagem e confraternização entre todos os elementos que formam uma verdadeira família, como é, ninguém o ignora, a família dos Bombeiros.

No entanto, e ainda que louváveis e dignas de prosseguimento, essas manifestações, esses importantes aspectos de confraternização e convívio estão longe, muito longe mesmo, de constituirem, só por si, a verdadeira finalidade do Congresso, pois que um Congresso de Bombeiros só será efectivamente Congresso se dele se extraírem conclusões válidas e sérias que permitam, por sua vez, obter junto das entidades superiores as soluções mais justas e adequadas em relação a cada uma e a todas as conclusões apresentadas.

Os Bombeiros do nosso País (e em particular os pertencentes aos 300 e muitos corpos de Bombeiros Voluntários que, a bem do semelhante, tudo fazem com a maior humildade, sem basófias, sem esperar benesses ou prémios de trabalho) nada mais têm a estimulá-los do que a consciência do dever cumprido sem cuidarem sequer de saber quem são como sentem e pensam quantos (e tantos são) que em qualquer momento necessitam dos seu serviços.

Numa época dominada (e minada) por um materialismo cada vez mais desenfreado, o Bombeiro que, com risco da própria vida, tão desinteressada e abnegadamente defende a vida e bens do próximo, é, como alguém disse, «um verdadeiro símbolo de generosidade e solidariedade humanas».

Por todas estas razões, é indispensável que os nossos governantes «conheçam melhor os seus Bombeiros para necessàriamente mais e melhor os poderem compreender, amar, proteger e ajudar».

É neste sentido, é no sentido de que os nossos governantes conheçam melhor os problemas que afligem o tão sacrificado voluntariado, que as Corporações de Bombeiros do Distrito de Aveiro, a quem coube toda a organização do Congresso/70, desenvolveram notável actividade, sob a orientação do presidente da Mesa dos Encontros Distritais de Direcções, dr. David Cristo (o «Messias do Congresso de Aveiro» como já foi cognominado), por forma a que o Congresso/70 atinja, em todos os aspectos, o nível que se ambiciona.

Essa constante e entusiástica actividade é absoluta garantia duma «realização válida, prática e proveitosa».

As teses subordinadas ao tema geral do Congresso — «fomento e valorização do voluntariado» — vão ter, com toda a certeza, a devida receptividade a nível oficial («não viramos a cara aos problemas reais e fazemos o possível, sem poupar tempo nem energias, por encontrar fórmulas razoáveis para os resolver», disse o Prof. Marcello Caetano), pelo que reina a maior esperança e optimismo quanto à resolução por forma positiva dos múltiplos problemas que atrofiam, em todos os campos, a acção dos Bombeiros.

O prestigioso presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, António de Moura e Silva, afirmou, no decorrer duma das reuniões preparatórias do Congresso, que «acredita em Aveiro, terra liberal, de homens livres e válidos, e no seu Congresso».

Nós que conhecemos bem o bairrismo, o brio e a audácia das gentes do cada vez mais progressivo distrito de Aveiro e que, além disso, sabemos que a justiça e a razão estão de braço dado com os bombeiros, também acreditamos por tal forma que, quanto aos tais resultados positivos que se esperam e se desejam, atrevemo-nos a dizer que, se não for agora, nunca mais se obtêm.

Adaptação dum artigo publicado em «O Comércio do Porto», de 12-5-70

Bombeiros Voluntários e... «Papéis»

por *José António da Piedade Laranjeira*
Comandante dos Bombeiros Voluntários de Albergaria-a-Velha

CREIO que não há ninguém hoje que não sinta a necessidade de ter a acompanhá-lo na vida uma série de «papéis». Desde o papel de carta já timbrado, à agenda de bolso e da cozinha, são inúmeras as aplicações e inumeráveis as vantagens dos «papéis».

Não vamos defender a política dos «papéis» para complicar, para demorar, de «papéis» que se sobrepõem a outros «papéis» que se distinguem só pela cor. Também não vamos defender a teoria de que mandar escrever um papel é motivo para que o assunto de que se trata já não se resolva, porque o interessado... não sabe escrever. Felizmente até nesse aspecto já vamos caminhando com mais segurança, porque vai havendo pouca gente que não saiba ler e escrever, dos e nos «papéis», tão úteis ao Homem quando este Homem não perde a cabeça e adquire a paixão louca de ser «desbravador» de papelada.

Veio esta introdução porque entendo que os Bombeiros não têm «papéis». Os Corpos de Bombeiros Voluntários não têm uma estrutura básica que lhes permita — aos que quiserem, evidentemente — caminhar confiada e ràpidamente no sentido que o estudo e a experiência tenham indicado como o melhor.

Pois não será um facto que muitas Direcções e Comandos perdem mais tempo a estruturar os seus serviços, tantas vezes inglòriamente, numa tentativa de trabalharem com os pés bem assentes, do que a dar seguimento a assuntos pendentes que lhes fogem das mãos, ou sobre os quais não se chegam a debruçar, por manifesta insuficiência de elementos, isto é, de estrutura sobre a qual se possam apoiar?

E não será verdade que pràticamente cada Direcção e cada Comando têm as suas estruturas e se dão ao luxo de criarem a maioria dos seus «papéis»?

E digo luxo, porque este termo lembra dinheiro, mas dinheiro além do necessário para o fundamental, que é desbaratado sem qualquer proveito quando se verifica que as estruturas e os «papéis», criados em longas meditações ou em momentos de euforia, não respondem ao que se pretende.

É uma realidade e os Bombeiros precisam que os ajudem a definir a estrutura interna que mais lhes convém e depois lhes criem os modelos de «papéis» que correspondam as suas reais necessidades.

A melhoria das relações entre Direcções e Comandos, destes para os seus Corpos e das Associações para as Entidades Superiores estão pendentes da dita estrutura, que deve obedecer às modernas técnicas de organização, de modo a que todos possam seguir

um figurino que tenha possibilidades de ser o melhor e o mais eficiente, para o organismo a que se destina.

Nos nossos dias, empresas especializadas vendem «organização» como o alfaiate da nossa rua nos corta e confecciona um fato. Assim, por que esperam as Entidades responsáveis para entregarem a uma empresa idónea o trabalho de estudar e propor um tipo de estrutura interna para as associações que mantêm corpos de Bombeiros, e que responda às suas reais necessidades?

Falta de dinheiro? Não o creio porque, em horas perdidas, arrelias, atrasos em fornecer elementos, zangas, perdas de subsídios, descontrolo dos serviços, perdas de material e de equipamento, etc., etc., estão razão e dinheiro suficiente que justificam e suportam tal trabalho.

Mas se não há dinheiro e as tais empresas não aceitam as faltas e os prejuízos que sofrem os Bombeiros como pagamento, por que não sacrificar parte da verba oficial que nos é destinada num ano? Serão menos uns metros de mangueira, umas moto-bombas e uma ou outra viatura, mas será verba com altos rendimentos e grande efeito na evolução das associações de Bombeiros.

Se alguém se der ao trabalho de ler estas linhas e de meditar sobre elas e possa decidir concordando com este comentário, só me resta pedir-lhe que não se esqueça de que os tais modelos de estruturas e de «papéis» só interessam se servirem às corporações de todo o País.

RONDA HISTÓRICA PELAS CORPORAÇÕES DO DISTRITO DE AVEIRO

A mais antiga é a da Vista Alegre, logo seguida dos «Bombeiros Velhos» da cidade-capital — quase um século! A mais recente é a de Lourosa, imediatamente precedida pela de Sever do Vouga — menos de um lustro de vida qualquer delas.

Vinte e cinco diplomas estatutários dão existência legal a corporações de Bombeiros do Distrito de Aveiro: apenas uma — a de Arouca — não logrou entrar ainda em efectiva operosidade. Espalham-se elas por dezasseis dos dezanove concelhos distritais — o que quer dizer que só três (e são eles Castelo de Paiva, Murtosa e Oliveira do Bairro) não têm corpos de Bombeiros. Em contrapartida: alguns concelhos contam mais do que uma corporação: duas — Espinho, Estarreja, Ílhavo, Mealhada e Ovar; três — Aveiro e Vila da Feira.

Todos os corpos de Bombeiros aveirenses, mesmo os Privativos (do Amoníaco Português, da Companhia Portuguesa de Celulose e da Fábrica da Vista Alegre), são hoje estritamente constituídos por voluntários. E, entre elementos directivos e activos, mais de mil homens do Distrito velam permanentemente, numa determinação espontânea e gratuita, pela vida e pelos haveres do semelhante. Somando-lhes os sócios não directivos nem activos, os auxiliares, com esta ou qualquer outra designação, — os quais, não tendo embora uma actividade constante na vida associativa, nela participam, não apenas com a benemerência das suas contribuições, mas com o fundamental e importante direito e dever do voto para eleição dos principais responsáveis — teremos, numa estimativa aproximada, dez mil aveirenses prontos, uns, a garantir, e outros a dar efectivo e imediato socorro logo que soa o alarme nas horas de angústia. Assim calculados estes números, e aceitando como verdadeira, para o Distrito de Aveiro, a cifra demográfica do meio milhão, chegamos a este resultado: cada quinhentos habitantes tem por si, para os momentos de sinistro, dez almas generosas; e, nos momentos de sinistro, apenas uma vida pronta para o inteiro sacrifício pelas suas vidas e haveres — o que, sendo pouco, infelizmente, no cômputo das ambições aveirenses, é, felizmente e lisonjeiramente, vultoso no confronto de percentagens, tomadas nas mesmas bases, com outros distritos.

Quanto se segue e vai anónimo é da exclusiva redacção do coordenador deste Boletim — e foi escrito sobre o firme dos poucos elementos de que dispunha e dos que solicitou a todas as corporações, as quais aparecem no texto pela ordem alfabética das localidades onde têm

o seu quartel-sede, os Privativos no final; o que nos chegou responsabilizado por assinatura deve-se à diligência, muito louvável, de algumas corporações que, dispensando o coordenador de trabalhos, confiaram a sua história a penas esclarecidas.

Isto se regista para explicar o desiquilíbrio — formal, conceitual e de pormenor — entre o que é da modesta lavra do coordenador e o que lhe foi endereçado, inteiro e perfeito, por distintos historiógrafos.

Corpo de Bombeiros Voluntários de Águeda

O incêndio nas vertentes do Caramulo que, no ano transacto, lavrou nas matas em apavorante ameaça de tudo subverter, pôs em evidência o denodo do Corpo de Bombeiros Voluntários de Águeda: aglutinando à sua volta numerosas corporações do distrito aveirense e algumas dos distritos limítrofes, em Águeda se fixou o posto central de coordenação para o difícil ataque às chamas que tão ràpidamente galgavam as encostas.

Com menos de trinta e cinco anos de existência — a data rigorosa da sua fundação foi em 15 de Dezembro de 1935 — o Corpo de Bombeiros Voluntários de Águeda conta já numerosas e eficientes intervenções em incêndios e noutras emergências de sinistro, quer dentro quer fora do concelho, em que os seus abnegados elementos sempre operaram com elevado e exemplar espírito de sacrifício.

Bombeiros Voluntários de Albergaria-a-Velha

Por *José Acúrcio da Silva Júnior*

O Corpo de Voluntários de Albergaria-a-Velha nasceu nas labaredas de um violento, se não o mais violento de quantos incêndios se atearam na Vila. Os seus primeiros Estatutos remontam a 1928 e à cabeça do grupo de fundadores figura o nome do Dr. António Fortunato de Pinho.

Em terra de minguadas dedicações e debatendo-se na indiferença do poder público, a Corporação sofreu vicissitudes que lhe minaram o vigor e acabaram por arrastá-la para a esterilidade municipal. Daí a arrancou, quando lhe confiaram os destinos do Concelho, o saudoso Américo Martins Pereira. Imprimiu-lhe vitalidade que, com altos e baixos embora, a projectou até aos nossos dias.

O sonho de um lar próprio, condigno, acalentado por vagas de dirigentes ao longo dos anos, corporizou-se mercê do entusiasmo de um grupo de homens devotados, à frente dos quais manda a justiça, e sem desprimor para os restantes, que se invoquem os nomes de Sérgio Costa e Albérico Martins Pereira.

A 29 de Junho de 1969, Albergaria-a-Velha vestiu as suas melhores galas para receber e festejar os Amigos que quiseram partilhar, honrando com a sua presença, do regozijo da inauguração do Quartel-Sede dos seus Bombeiros. A partir desse dia, o Distrito de Aveiro, paladino do Voluntariado e da sua unidade, passou a contar com mais um templo consagrado ao culto da abnegação, onde dia e noite, humildemente, homens ignorados velam pelo seu semelhante, pelas suas vidas e haveres, na mais límpida manifestação de solidariedade humana.

Esta a história modesta, desataviada, da Associação dos Bombeiros Voluntários de Albergaria-a-Velha — uma igual a tantas outras na gesta do Voluntariado em Portugal.

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Anadia

Data de 20 de Dezembro de 1933 a fundação da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Anadia. Na lista dos seus fundadores contam-se, além doutros, os Drs. Armando Cancela de Abreu, Fernando Costa e Almeida e Manuel Rodrigues Simões e, ainda, Serafim Tavares Alves e Óscar Alvim. Foi seu primeiro Comandante José de Pinho, que, na altura, se encontrava em Anadia a secretariar a Secção de Finanças do concelho. O primeiro incêndio em que intervieram os Bombeiros de Anadia, pouco depois da sua fundação, verificou-se em Águeda.

O seu apetrechamento material começou com um pronto-socorro equipado de moto-bomba braçal, mais tarde substituído por uma moto-bomba D.K.W.

O Corpo Activo nunca contou menos de vinte homens.

Em 1950, capotou a viatura da Corporação (único desastre até hoje registado); e, em 23-12-52, a Direcção adquiriu, com um subsídio oficial de 80 contos, um Chassis «Bedford» para um pronto-socorro, ainda hoje ao serviço. Posteriormente, com a generosa diligência do Eng.º Augusto Cancela de Abreu, à data Ministro do Interior, foi adquirido um «Ford V 8», que se adaptou a ambulância, a qual viria a ser abatida ao serviço em 1960. Presentemente, a corporação conta com o seguinte material: um pronto-socorro equipado com uma moto-bomba «Bachert» e com todo o material correspondente; um carro para todo o terreno, adquirido em 26-7-65, equipado com uma bomba de alta e baixa pressões; uma moto-ligeira «Escol»; uma moto-serra e todo o equipamento para incêndios em edifícios e florestas; várias máscaras anti-gás; material para salvamento de pessoas e animais em iminência de afogamento; uma auto-ambulância «Peugeot» adquirida em 9-8-63, equipada com maca, botija de oxigénio e restante material para primeiros socorros; uma auto-ambulância «Wolkswagen», adquirida em 24-4-70, equipada com aparelho para transfusões, botija de oxigénio, duas macas, uma cadeira ortopédica e outro material para primeiros socorros — carro e equipamento que se devem à benemerência da Fundação Calouste Gulbenkian.

São numerosos, e sempre foram oportunos e úteis, os serviços da Corporação, quer no concelho de Anadia, quer noutros concelhos, a que o Corpo Activo prontamente acorre sempre que solicitado.

Desde a data da sua filiação na Liga (1948), a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Anadia tem estado presente em todos os Congressos.

Bombeiros Voluntários de Arouca

Em 25 de Abril de 1964, o Governador Civil de Aveiro deu o seu despacho de aprovação aos estatutos dos Bombeiros Voluntários de Arouca e passou o respectivo alvará. E, em 22 de Julho do ano imediato, foram eleitos os primeiros corpos gerentes.

Logo a respectiva Direcção promoveu diligências junto da Inspecção do Serviço de Incêndios da Zona Norte, que informou de tudo o que se tornava indispensável para dar início às actividades do corpo de Bombeiros. Todavia, e não obstante as diligências feitas, não se conseguiu um edifício que pudesse servir, ainda que provisòriamente, para instalar o indispensável quartel. E, por isso, se pensou em adquirir um terreno, para edificação com características que pudessem aproveitar a um futuro e definitivo quartel; mas, também neste caso, se goraram todos os esforços.

Não são, todavia, apenas as dificuldades de instalações que têm impedido a criação efectiva dum corpo de Bombeiros em Arouca: em meio essencialmente agrícola, onde os jovens trabalham em locais distantes do centro concelhio, quer na labuta das terras, quer em empregos fabris, tem-se mostrado impossível o recrutamento de pessoal bastante para pôr em movimento uma ideia que, por enquanto e infortunadamente, apenas existe na letra e nas boas intenções dum diploma estatutário.

Bombeiros Voluntários de Arrifana

A laboriosa freguesia de Arrifana pode orgulhar-se, com inteira legitimidade, dos seus Bombeiros Voluntários: em mais de quarenta e três anos de serviço — a Associação foi fundada em 15 de Junho de 1927 — os Bombeiros arrifanenses, quer no sector dirigente, quer no dos seus comandos, quer no seu corpo activo, tem dado provas sobejas de devotação à causa humanitária, de competência, de consciencialização e de aprumo.

Para além do reconhecimento público e anónimo dos que justificadamente aplaudem e louvam os méritos dos Bombeiros Voluntários de Arrifana, os múltiplos e valiosos galardões oficiais ou oficiosos dão testemunho eloquente do apreço em que é tido o corpo dos Voluntários arrifanenses: em 21 de Junho de 1952 e em 23 de Março de 1959, a Câmara Municipal da Feira, em que administrativamente se integra a freguesia de Arrifana, concedeu aos seus Bombeiros, respectivamente, a «Medalha de Prata» e a «Medalha de Ouro»; também com «Medalha de Ouro» a Liga dos Bombeiros Portugueses distinguiu os Bombeiros Voluntários de Arrifana; e, por decreto de 30 de Julho de 1957, a prestigiosa corporação foi distinguida com o Grau de Cavaleiro da Ordem de Benemerência.

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

Noite de S. João do ano de 1871. Duas horas e meia da madrugada. Nas torres dos templos e conventos de Aveiro, como na dos Paços do Município, os sinos tocaram aflitivamente a rebate: ardia, com inconcebível violência, o palacete do Visconde de Almeidinha, no velho Terreiro, em pleno coração da cidade. Logo afluiu gente de toda a parte — gente de todas as categorias sociais. Pelo denodo dos que acorreram, salvaram-se móveis e evitou-se a propagação do incêndio para além do edifício sinistrado; mas o edifício ficou reduzido a cinzas. E, ainda se não tinha desvanecido a lembrança do trágico acontecimento, logo em 12 de Janeiro do ano imediato, outro sinistro devorou o histórico Convento de Sá.

Nesse mesmo dia, o então Presidente do Município, Manuel Firmino de Almeida Maia, propôs à Vereação que urgentemente se adquirisse tudo o que de fundamental respeitasse ao serviço de extinção de incêndios — proposta aceite com entusiasmo por toda a Câmara, que sugeriu ainda a imediata formação de «um corpo de Bombeiros Voluntários, capaz de desempenhar-se satisfatòriamente do encargo que tão nobre e elevada missão impõe.»

Assim foi lançada a semente da criação de um corpo de bombeiros em Aveiro; e dezasseis dias após — em 28 desse mês de Janeiro de 1882 — concretizava-se o desígnio municipal: um punhado de homens decididos formava, então ainda provisòriamente, a «Companhia de Bombeiros Voluntários», que mais tarde se designaria por «Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro». Todavia, a sua fundação legal só aparece documentada em acta de 28 de Novembro desse mesmo ano de 1882, que refere a magna e decisiva reunião, nos Paços do Concelho, de um grupo de aveirenses para o efeito comissionados. Logo em 29 do mês imediato, aprovados, oficialmente, na véspera, os respectivos Estatutos, era entregue ao recém-criado corpo de bombeiros, na casa que servia «de estação das bombas e machinas», o material de incêndios que a Câmara possuia. De passagem se refere que já em 1852 existiam em Aveiro duas bombas, adquiridas pela Câmara Municipal.

A história da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro foi criteriosamente feita pelo saudoso Dr. Alberto Souto, por por largos anos devotado Presidente da sua Assembleia Geral e mais tarde ilustre Presidente do Município Aveirense, e pelo Dr. Humberto Leitão, distinto médico e personalidade dedicadíssima à causa dos bombeiros citadinos. (Cf. «Humanitária», 1932, págs. 3 e sgs., e «Humanitária», 1957, págs. 5 e segs. — números comemorativos, respectivamente, das Bodas de Ouro *e das* Bodas de Diamante *da Corporação).*

E, porque quem quer poderá compulsar essas documentadíssimas páginas, em que aos primores da forma se ajunta o rigor dos factos, apenas aqui se dirá que a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro foi agraciada pelo Governo Português, conforme decreto de 9 de Março de 1929, com a Ordem da Benemerência, galardoada com a Medalha de Ouro, oferta da cidade adquirida por subscrição pública, com a Medalha Municipal de Prata — e reconhecida Instituição de Utilidade Pública por decreto de 10 de Agosto de 1932. Estas, entre outras manifestações de reconhecimento, a nível nacional e local, avalizam o cumprimento dos fins altruístas, ao longo dos seus 88 anos de vivência, da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, popularmente conhecido por «Bombeiros Velhos» desde a fundação da sua prestigiosa congénere citadina, Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes.

Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes»

Pelo ano de 1908, Aveiro era cidade em franco crescimento demográfico e, consequentemente, as edificações de toda a ordem aumentavam em considerável ritmo. Estas circunstâncias teriam levado um reduzido grupo de homens dos bairros da beira-mar, lá no extremo norte da freguesia da Vera Cruz, à determinação de fundarem um novo corpo de bombeiros na cidade. Ideal seria — pensavam eles quando pela primeira vez se reuniram num armazém de pescado fronteiro ao Canal de S. Roque, à luz duma vela cuja chama tremulava sobre um cabaz de sardinha — que um quartel de bombeiros se implantasse no meio das gentes ribeirinhas, assim tornando mais pronto o auxílio em emergências de sinistro naquelas paragens: a casa da Associação Humanitária localizava-se a distância tal que, no seu entender, bem se justificaria levar a efeito o que, em mera hipótese, ali se gizava. E a hipótese concretizar-se-ia, afinal, em 30 de Novembro desse mesmo ano de 1908: sòmente que o primitivo quartel, cuja localização teria sido a principal determinante do aparecimento duma nova agremiação de Bombeiros — e por «Bombeiros Novos» viria a ser mais conhecida a Companhia Voluntária de Salvação Pública GUILHERME GOMES FERNANDES — houve que instalar-se, e por alguns anos ali se manteve, na antiga Rua dos Tavares, na mesma freguesia, portanto, em que se sediava a Associação Humanitária. Só mais tarde os «Bombeiros Novos» se deslocariam para o seu actual quartel, no largo que hoje tem o nome de Maia Magalhães, assim, e apenas então, se obedecendo ao primacial escopo da criação em Aveiro dum segundo corpo de Bombeiros — e desse modo os Bombeiros aveirenses ficaram repartidos por duas freguesias citadinas.

A Companhia Voluntária de Salvação Pública GUILHERME GOMES FERNANDES viria a ser reconhecida de Utilidade Pública, galardoada com a Medalha de Prata da Cidade e — o que constitui o melhor prémio para o seu espírito de camaradagem — eleita sócia de honra da sua congénere aveirense, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro. Outras benesses exornam a sua bandeira: mas as que se referiram bastam para dar testemunho de que os «Bombeiros Novos» têm cumprido a altruísta missão que se propuseram.

Bombeiros Voluntários de Esmoriz

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Esmoriz celebrará em 26 de Abril do próximo ano quatro décadas de vivência, pois foi fundada, rigorosamente, naquele dia e naquele mês de 1931.

Em escrito de 29 de Julho transacto, firmado

pelo sr. Manuel Gomes de Oliveira, dinâmico elemento da prestimosa corporação, lêem-se estas palavras de tocante modéstia e significado:

«Não obstante o nosso maior esforço e constante dedicação à causa que servimos não fomos ainda suficientemente activos para justificar qualquer condecoração.

«Ao longo da nossa actividade não conseguimos distinguir serviços. Para nós, o toque da sirene significa apenas um pedido de ajuda. Damo-la sempre com a melhor vontade e no máximo das nossas forças.

«Os serviços dos VOLUNTÁRIOS, quanto a nós, não justifica qualquer distinção.»

Assim entendem, por uma das suas vozes autorizadas, os Bombeiros Voluntários de Esmoriz, que elevam, ao máximo do seu puro conteúdo, a palavra **voluntariado.**

Consolam-se numa certeza — que nos é dada no mesmo escrito:

«Felizmente, estamos apetrechados com material que consideramos indispensável.»

Em Aveiro-litoral — água ! água ! água — o elemento liquido é soberano. Mas também a água dá pão para a boca; ao que, por vezes, aqui, o pão se conquista na iminência do drama. Numa terra assim, mais água do que terra, o bombeiro, normalmente adestrado para o fogo, tem ainda que preparar-se para as contingências da água, a qual água, matando fogo e fomes, também mata. Por isso é que os homens-rãs duma das corporações aveirenses se treinam exaustivamente para poderem acudir, na água, ao irmão em perigo. Não é caso para desafiarmos a tempestade; mas porventura — por ventura ! — será caso para confiarmos em que, na tempestade, estará um bombeiro, um Anjo-Bom.

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Espinhenses

Por *Ernesto Pereira de Oliveira*

Fundada em 1 de Janeiro de 1928, teve em 1929 a oferta, do Ex.mo Senhor Mário de Freitas Ribeiro, de um automóvel, marca Minerva, que, transformado em pronto-socorro, foi inaugurado em 11 de Novembro de 1930.

Desde essa data até 1949 não foi possível conseguir-se outra viatura, embora os serviços prestados, em terra e no mar, no concelho e mais longe, fossem de grande projecção. Permitam-nos destacar o incêndio no Convento de Arouca, na madrugada de 21 de Outubro de 1935, que, graças aos nossos Bombeiros, se pode considerar intacto. Deste trabalho, recebemos do Doutor António de Oliveira Salazar, então Ministro das Finanças, palavras de grande louvor.

Em 16 de Julho de 1948, dignou-se SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, MARECHAL ÓSCAR FRAGOSO CARMONA, conceder a esta Associação Humanitário o GRAU DE OFICIAL DE BENEMERÊNCIA, honra que muito nos sensibiliza.

Na referida data de 1949 inaugurámos, em 24 de Abril, o segundo pronto-socorro, completamente novo. Em 1953, por se constatar grande necessidade, adquirimos à Companhia de Seguros «Tranquilidade» uma ambulância usada.

Em 1954, comprámos, devidamente autorizados pelo ilustre Ministro do Interior de então, sr. Dr. Joaquim Trigo de Negreiros, o edifício e terreno onde nos encontramos (Diário do Governo, II Série, n.º 143 de 19 de Junho de 1954).

Em 1959, inaugurámos, em 30 de Agosto, o terceiro pronto-socorro, também completamente novo, e bem assim um automóvel, oferecido pelo Ex.mo Senhor Justino Santos, destinado a representações da Direcção e Comando. Além do exposto, foram também adquiridas várias moto-bombas que se foram tornando indispensáveis ao bom desempenho da missão dos nossos Bombeiros, bem como outro material e fardamentos.

Em 18 de Maio de 1962, foi também esta mesma Associação Humanitária condecorada pela LIGA DOS BOMBEIROS PORTUGUESES, com a medalha de Ouro de Duas Estrelas.

No mesmo ano de 1962, adquirimos o quarto pronto-socorro, este de nevoeiro, última palavra nessa data, sobre técnica de combate a incêndios, o qual teve a sua inauguração em 19 de Agosto.

No dia 20 de Novembro de 1964, tivemos a honra da visita do Ministro do Interior na altura, Dr. Alfredo Rodrigues dos Santos Júnior, que inaugurou a nossa Fanfarra.

Em 19 de Junho de 1965, outra visita ministerial recebemos, desta vez do Ministro das Obras Públicas de então, Engenheiro Arantes e Oliveira. Neste mesmo ano, em 14 de Novembro, inaugurámos uma ambulância «Mercedes», completamente nova e outra «Ford», devidamente adaptada.

Ao terminar o ano de 1969, tivemos a feliz notícia que Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas e Comunicações, Engenheiro Rui Sanches, tinha mandado incluir o projecto da nossa Sede-Quartel em próximo Plano de Melhoramentos Urbanos.

Em Fevereiro de 1970, recebemos a confirmação de ter sido incluído o referido projecto no dito Plano de Melhoramentos Urbanos com a comparticipação de 310 000$00, depois publicada no Diário do Governo, II Série, n.º 123, de 25 de Maio.

Ainda em 17 de Março, do mesmo ano de 1970, tivemos a honra de receber, em visita de trabalho, o actual Ministro das Obras Públicas e Comunicações, visita que muito serviu para nos encorajar.

Ainda, em 13 de Junho, também de 1970, recebemos o diploma de «GRATIDÃO» da Sociedade Protectora dos Animais, por relevantes serviços prestados.

Para terminar, temos também a honra de informar que, no próximo dia 3 de Janeiro de 1971, vamos inaugurar o quinto pronto-socorro, este também com alta e baixa pressão e ainda com a enorme vantagem de transportar no seu reservatória 4 200 litros de água, sendo, portanto, no género, a melhor unidade no norte do País, o que muito nos orgulha e honra o concelho de Espinho.

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Espinho

Data da Fundação: *1895.*

Condecorações: *Comendador da Ordem Militar de Cristo (decreto de 27 de Outubro de 1930).*

Sinistros importantes em que interveio: *em Espinho, como principais, Fábrica de Serração de Madeiras e Caixotaria de Gomes & C.ª (Fábrica Ramada), Fosforeira Portuguesa, Fábrica de de Artigos Plásticos de Léon Petit, Fábrica Progresso (fundição, artigos de alumínio e louça esmaltada) e CORFI-Organizações Industriais Têxteis Manuel de Oliveira Violas, S. A. R. L.; fora do concelho, entre muitos e bastantes de grande importância, cita-se o incêndio que deflagrou no Furadouro, Ovar, em 1925, e que mereceu à Associação um voto de louvor atribuído pelo Congresso da República.*

Elementos das Direcções, dos Quadros Honorários, Activo e Auxiliar. *Sendo de ter na mais grata consideração os actos de dedicação prestados por todas as Direcções que têm servido a Associação e, em igualdade de circunstâncias, o muito interesse, carinho e trabalho profícuo de elevado número de membros dos seus Corpos Honorário e Activo, engrandecendo-a, entende-se dever fazer, apenas, uma justa referência à sua primeira Direcção: foi ela constituída por figuras destacadas de valor excepcional na vida local do tempo da sua fundação, todas elas recrutadas entre aqueles que trabalharam e promoveram a criação do concelho de Espinho e subscreveram os primeiros estatutos da Associação e a que presidiu a figura inconfundível de Homem íntegro e distinto que foi o Doutor António Augusto de Castro Soares, que também ocupou honrosa e brilhantemente o cargo de Presidente da primeira gerência da Câmara Municipal de Espinho, dessa vereação que conduziu os destinos do concelho quando do seu alargamento. Essa Direcção, que constituiu o alicerce da colectividade, prestigiou-a tão exuberantemente, que o respeito que é devido aos seus nomes é facho poderoso que ilumina os seus sucessores na causa do Bem-Servir.*

Outras informações. *Os Voluntários de Espinho nasceram de uma delegação que os Voluntários do Porto estabeleceram na ridente praia nortenha. Por seu turno, os Voluntários de Esmoriz sucederam também a uma delegação que os Voluntários de Espinho criaram na progressiva vila limítrofe, aquando da anexação de Esmoriz, então freguesia, ao concelho de Espinho, em 1926.*

Bombeiros Voluntários de Estarreja

DATA DA FUNDAÇÃO: 13 de Julho de 1924.

CONDECORAÇÕES: Medalha de Ouro da Câmara Municipal de Estarreja; Medalha Dourada «Duas Estrelas» da Liga dos Bombeiros Portugueses; Medalha de Ouro «Cruz da Paz Comemorativa» dos Bombeiros Voluntários de Ermezinde; Medalha de Homenagem do Comendador Filipe Bandeira; Medalha dos Bombeiros Voluntários de Espinho; Medalha dos Bombeiros Voluntários de Vale de Cambra; Medalha dos Bombeiros Voluntários do Porto; Medalha da Sociedade Protectora dos Animais; Medalha dos Bombeiros Voluntários de Melgaço; Medalha dos Bombeiros Voluntários de Oliveira de Azeméis; Medalha de Homenagem e Agradecimento da Diocese de Aveiro.

SINISTROS IMPORTANTES: incêndio no Governo Civil de Aveiro; incêndio na União Comercial da Murtosa; incêndio nas Matas de Arouca; incêndio na Serra do Caramulo.

OUTRAS INFORMAÇÕES: inauguração do quartel-sede em 17 de Novembro de 1968; a inaugurar, brevemente, carro-nevoeiro «Land Rover» TT e um carro para transporte de pessoal; normalização da casa-escola dentro das medidas regulamentares e gerais.

Bombeiros Voluntários de Ílhavo

Tendo por seu primeiro Presidente da Direcção Francisco António Marques de Moura e por primeiro Comandante António Ferreira da Encarnação Júnior — dois prestigiados nomes ilhavenses —, foi fundada, em 13 de Abril de 1893, uma associação de socorros que tomaria o nome de Bombeiros Voluntários de Ílhavo.

Presente em centenas de sinistros de toda a ordem, a corporação de Ílhavo teve actuação particularmente destacada, entre outros, nos grandes incêndios da Costa Nova do Prado de 1901 e 1909, no que deflagrou na área da Fábrica da Vista Alegre, no Governo Civil de Aveiro, no da Fábrica de Cerâmica das Quintãs e, mais recentemente, no do navio bacalhoeiro «Elisabeth».

Considerada de Utilidade Pública em 31 de Março de 1928, conforme diploma publicado no **Diário do Governo** de 10 de Abril desse mesmo ano, a Associação dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo tem hoje como Presidente da Direcção o sr. João Fernandes Vieira e como Comandante do Corpo Activo o sr. João Paulo de Oliveira.

Bombeiros Voluntários de Lourosa

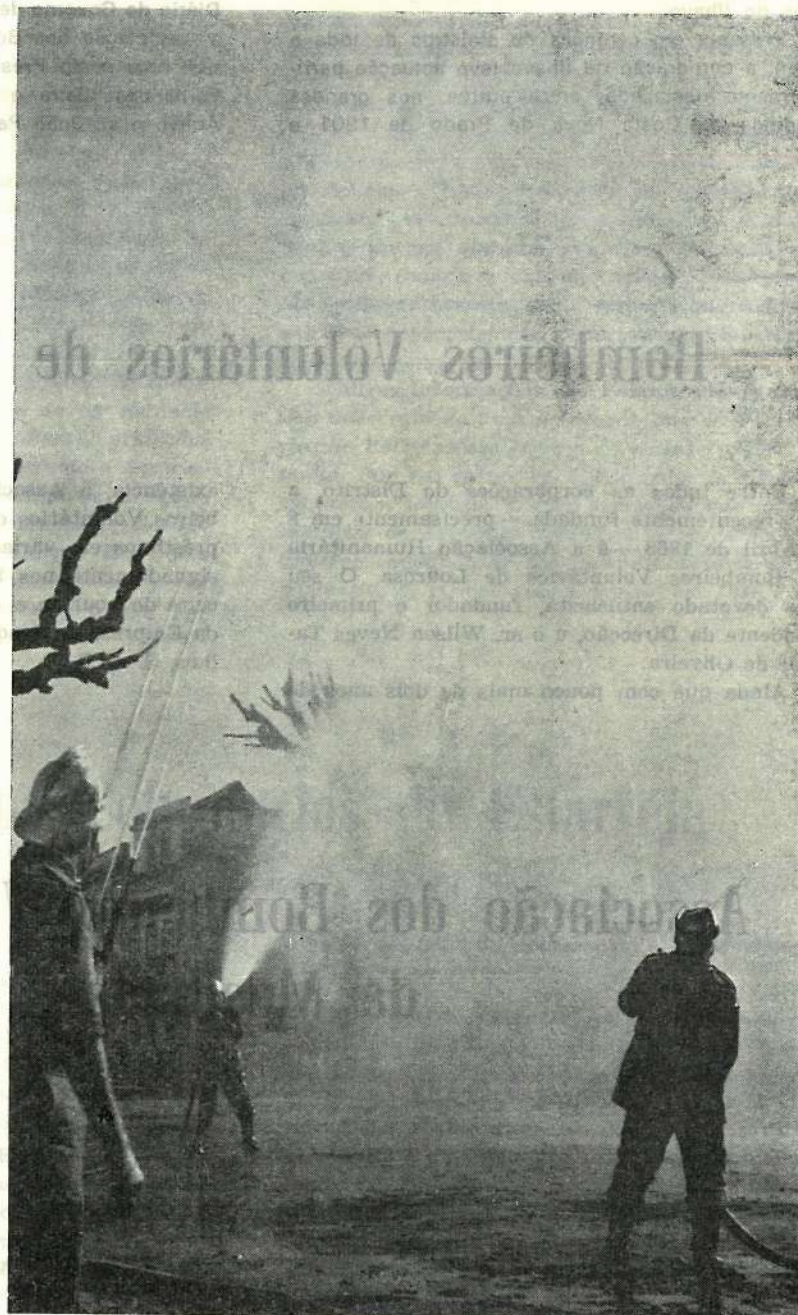
Entre todas as corporações do Distrito, a mais recentemente fundada — precisamente em 8 de Abril de 1968 — é a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Lourosa. O seu mais devotado entusiasta, fundador e primeiro presidente da Direcção, é o sr. Wilson Neves Tavares de Oliveira.

Ainda que com pouco mais de dois anos de existência, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Lourosa revelou já os seus préstimos em variados e múltiplos sinistros, designadamente nos incêndios da Indústria Corticeira de Lourosa e, em Oleiros, no das instalações da Empresa de Joaquim Francisco do Couto e Filhos, S. A. R. L.

Associação dos Bombeiros Voluntários da Mealhada

Presente, e eficiente, entre outros, nos incêndios que se registaram nas matas do Buçaco e do Caramulo, nas fábricas de serração de Mortágua, do Luso, da Mealhada (aqui também numa fábrica de rolhas) e de Sepins, na de resina da Pampilhosa e nas Caves de Anadia, a Associação dos Bombeiros Voluntários da Mealhada, cuja fundação data de 24 de Junho de 1927, tem contado sempre, nos seus elencos directivo e activo, com dedicações operosíssimas.

A Liga dos Bombeiros Portugueses conferiu à Associação, em reconhecimento dos seus relevantes méritos, a Medalha de Ouro de Duas Estrelas.

Não é fumo de incêndio — é nevoeiro saído, pelas agulhetas, de bombas de alta-pressão: nevoeiro que apaga o incêndio, com enorme economia da água transportada, assim a tornando mais rentável e menos danosa. A gravura mostra um exercício de bombeiros, duma corporação aveirense, com material de nevoeiro.

Bombeiros Voluntários de Oliveira de Azeméis

Há 64 anos, fundava-se a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Oliveira de Azeméis. E logo em 1927, por portaria de 7 de Dezembro desse ano, era considerada de Utilidade Pública.

Entre os seus múltiplos galardões, contam-se a Medalha de Ouro, com duas estrelas, por serviços distintos, concedida pela Liga dos Bombeiros Portugueses, a Medalha de Prata da Sociedade Protectora dos Animais, a Medalha de Ouro da Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa e, entre numerosos e justos louvores, conta os das Câmaras Municipais de Arouca e Águeda, o primeiro pela eficientíssima actuação no fogo do Convento que ameaçou destruir em 1935 o valioso edifício arouquense, monumento nacional, e o segundo pela defesa das povoações de Agadão e Belazaima, gravemente ameaçadas pelas chamas que irromperam nas matas do Caramulo em 1955.

Sempre servida por elementos directivos activos que muito por ela se sacrificaram, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Oliveira de Azeméis tem hoje a comandá-la a figura prestigiosa de Ramiro Marques Ferreira Alegria, que, desde o seu alistamento, tem dado provas de inexcedível devotação, aprumo e competência, ocupando, além do mais, lugar cimeiro na lista dos dadores de sangue do Distrito. Ao Comandante Ramiro Alegria se deve, em muito, a magnífica unidade dos Bombeiros distritais.

Bombeiros Voluntários de Ovar

Por **João Arada e Costa**

Os pavorosos incêndios por vezes deflagrados e que o esforço do povo não conseguia debelar, sobretudo os da costa do Furadouro, que tantas vezes tornaram o seu aglomerado de típicos palheiros num braseiro dantesco, levaram no fim do século passado um punhado de homens bons da nossa terra a fundar uma Corporação de Bombeiros.

Na velha loja do Calma, ali na Praça, e nas boticas deste velho burgo vareiro, era o ponto de cavaqueira dos tempos de outrora. Ali paravam os bacharéis, o recebedor da Fazenda, o Juíz da Comarca e os literários, que felizmente os tivemos.

Pois, foi precisamente na loja do Calma, que, pelo fim do ano de 1895, se forjou uma união de homens cujo juramento foi servir o bem comum.

E o seu propósito firme foi levado a cabo a 24 de Maio de 1896 de fundarem a Humanitária Corporação dos Bombeiros Voluntários de Ovar.

Quem foram os fundadores?

A João José Alves Cerqueira, que não sendo filho desta terra muito a amou, dando-lhe toda a sua vitalidade, quer no meio artístico — de que era mestre — quer nas suas iniciativas, e aos vareiros dos quatros costados que viveram e sentiram como Alves Cerqueira, Drs. António dos Santos Sobreira e João Maria Lopes, Frederico Ernesto Camarinha Abragão e Francisco Marques da Silva e Costa se deve a sua fundação.

Abrem o seu livro de contas com a quantia de 589$740 réis, produto alcançado com récitas levadas a efeito no velho Teatro Ovarense, onde os fundadores eram talentosos amadores, basares e subscrições públicas, seguindo-se a verba de 4$300 réis, referente à jóia dos nove primeiros sócios, dentre as quais se segue aos fundadores o Dr. Joaquim Soares Pinto.

No dia seguinte exaram a primeira acta, que nos dá a clareza e luzeiro que os guiará no caminho do amor pelo próximo.

Elaboram os estatutos que são aprovados pelo Governador Civil de Aveiro, em 20 de Julho de 1896.

À casa Guilherme Gomes Fernandes & C.ª, do Porto, fazem aquisição de uma bomba, mangueiras, baldes de lona, escada, capacetes, charlateiras, cintos de gala, etc., pelo que assumiram contrato caucionado com a quantia de 500$000 réis.

Recrutam-se voluntàriamente os primeiros bombeiros que, além dos fundadores, são: 1.º Comandante, Dr. Joaquim Soares Pinto; 1.º Patrão, Dr. António dos Santos Sobreira; Manuel Gomes Pinto, José Luís da Silva Cerveira, José Marques da Silva e Costa, José Ramos, Carlos Ferreira Malaquias, António Augusto Freire de Liz e Justino de Jesus e Silva.

É nomeado Capelão o Padre José Maria Maia de Resende.

As primeiras instruções são dadas pelo nosso conterrâneo Tenente de Artilharia Bernardo Barbosa de Quadros.

Logo, em 1 de Outubro, se dá o baptismo da briosa Corporação num incêndio que deflagrou ao Norte do Furadouro.

Gastaram, com os carros de cavalos de Constantino Gomes de Pinho e serviço de ajudantes, 8$375 réis.

No entanto, o número de voluntários vai subindo, e no jornal local «A Discussão» corre uma subscrição que dá 10$500 réis; a Companhia de Seguros «A Confiança Portuense», concede-lhe 9$000 réis.

E tudo se vai preparando para a inauguração oficial da Corporação, vindo dar as instruções finais o Comandante dos Bombeiros Voluntários Portuenses.

Foi-lhe oferecido pelos seus relevantes serviços uma abotuadura de oiro que custou 13$500 na Ourivesaria Gomes Pinto, e esteve hospedado na velha Estalagem da Ana Painço, que, além destas funções, era proprietária de luxuosos carros de cavalos e do chamado «Carro Americano», que ficou imortalizado nas trovas do nosso povo, e pagaram-lhe 7$700 réis.

Chega finalmente o dia 1 de Janeiro de 1897!

No Teatro Ovarense, que em breve seria património da nóvel Corporação, em magna Assembleia Geral, é inaugurada oficialmente a Humanitária Associação dos Bombeiros Voluntários de Ovar.

Foi presidida pelo primeiro presidente da Assembleia Geral, Dr. António dos Santos Sobreira, a ela assistindo a Real Associação dos Bombeiros Voluntários Portuenses e grande número de pessoas de todo o nosso concelho.

A acta da posse oficial da Direcção foi assinada pelo presidente da Mesa da Assembleia Geral, seguindo-se o 1.º Patrão dos Bombeiros Voluntários Portuenses, os fundadores, os sócios activos e ainda por quarenta pessoas das mais destacadas categorias sociais de Ovar.

De seguida, em luzido cortejo, impecável formatura, à frente do qual seguia o estandarte da Corporação primorosamente bordado por mãos de gentis senhoras vareiras, todo o Corpo Activo e Direcção dos nossos bombeiros, Associações ali representadas e muito povo, para a igreja matriz, onde foi cantado um imponente Te-Deum por quinze sacerdotes e a banda Ovarense. Do alto da escadaria o pároco Dr. Alberto de Oliveira e Cunha, aspergiu o hissope e benzeu a Corporação e todo o seu material.

Estava, assim, assente, em firmes alicerces, tão simpática corporação.

Foi tão grande o seu incremento e acção que a tornou considerada entre as melhores congéneres do distrito.

Surgem por todos os lados os protestos da maior simpatia e auxílio monetário, pois nunca foi desmentido o brio, o bairrismo e a generosidade deste bom povo.

Acorrem ainda as Companhias de pesca de xávega do Furadouro, denominadas S. Pedro, Nosso Senhor dos Esquecidos, S. Luís, Nossa Senhora do Socorro e S. Domingos a darem-lhe **um quinhão** em todo o seu produto de pescado.

Na senda da sua acção humanitária, em 1 de Maio de 1909, organizam um bando precatório a favor das vítimas da catástrofe de Benavente, Samora Correia e Salvaterra de Magos, cujo produto cobriu dois contos de reis. O mesmo continuaram por mais vezes.

Na sua vida de relação fazem visitas de cortesia e amizade, levando o nome desta querida Ovar a diversos pontos do País. Basta lembrar a de 1909 a Viana do Castelo.

As notícias do tempo dizem-nos que «a princesa do Minho recebeu a Corporação dos Bombeiros de Ovar e a sua embaixada, numa forma bizarra e altamente fidalga, não só pelos seus habitantes como nomeadamente pela sua briosa Corporação de Bombeiros».

Em 1913, novos ventos dão a reforma aos seus Estatutos, agora constituídos por oito capítulos e 45 artigos e aprovados pelo Governador Civil de Aveiro, Alberto Ferreira, em 21 de Dezembro do mesmo ano.

Ainda, neste ano, a Irmandade de St.º António concedeu-lhe autorização para nas traseiras da sua Capela, seja instalado um esqueleto de ferro para exercício de escalada.

A sua primeira Sede, funcionou num armazém à rua de Santo António, cedido pela Câmara, até à construção do novo e actual edifício quartel-sede.

E assim se foram rodando os anos até 1926, ano em que se dá novo impulso à Corporação, adquirindo-se apetrechamento de material dentre o qual um moderno pronto-socorro.

Em 1928 é aberto concurso para a construção do novo quartel-sede, sendo adjudicada a mão de obra de trolharia a Agostinho Macedo, por 11.400$00, e de igual modo a carpintaria por 4.250$00 a Augusto Tavares — o Florinda — e António Tavares Fonseca.

A sua inauguração, com grande pompa, efectuou-se no dia 6 de Abril de 1929 a ela assistindo deputações dos Bombeiros Voluntários do Porto, Bombeiros Voluntários Portuenses, Companhia de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, de Aveiro, Bombeiros Voluntários de Espinho, Espinhenses, de Espinho, Oliveira de Azeméis, Estarreja, Vila da Feira, Arrifana, S. João da Madeira, Ilhavo e Vila do Conde.

O custo total da obra foi coberto com subsídio da Câmara, subscrição pública e cortejos; a compra do mobiliário, bilhares e outros apetrechos foram adquiridos por emissão de acções, na sua totalidade oferecidas pelos seus possuidores à Associação.

Actualmente está bem apetrechada com um carro nevoeiro, dois pronto-socorros e carro ambulância.

É seu Comandante o senhor Capitão Manuel Pardo de Oliveira; 1.^{os} Subchefes Manuel Ferreira Regalado e Manuel Marques, encontrando-se vago o lugar de ajudante de Comando pelo falecimento do dedicado e saudoso sócio activo José Augusto Ferreira Malaquias.

Curvemo-nos respeitosos ante a saudosa memória dos fundadores e de todos os que lhes deram continuidade!

Honra e valor para os que continuam o seu caminho traçado há setenta e quatro anos!

Preparemo-nos, condignamente, para as suas Bodas de Ouro!

Bombeiros Voluntários da Pampilhosa

Desde 29 de Agosto de 1926, o Corpo de Salvação Pública denominado Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Pampilhosa, quer na freguesia onde se ergue o seu quartel, quer noutros pontos do distrito de Aveiro, quer fora dele — particularmente em zonas distritais de Coimbra, que imediatamente lhe ficam a norte — tem desenvolvido notável actividade, não só pelo seu Serviço de Incêndios, mas ainda pelo seu específico Serviço de Saúde (Cruz Roxa).

Dois dos elementos do seu Corpo Activo permanecem em gloriosa memória: Francisco Henriques, que faleceu em 11 de Novembro de 1930 durante o ataque a um grande incêndio na Pampilhosa; e Mário da Silva Henriques, que caiu em combate, no dia 1 de Janeiro de 1969, em terras de Angola.

Um dos fundadores desta Associação merece uma especial palavra de apreço e reconhecimento: o sr. Joaquim da Cruz, que devotadamente e durante largos anos proficientemente desempenhou responsabilizados cargos, quer na Direcção, quer no Comando.

O Corpo de Salvação Pública da Pampilhosa foi cronològicamente o primeiro na comarca de Anadia.

Bombeiros Voluntários de S. João da Madeira

S. João da Madeira, de diminutas proporções territoriais no vasto rectângulo distrital de Aveiro, dir-se-á que, por sua grandeza, progresso e dinamismo dos seus filhos, não pode caber em tão acanhadas fronteiras geográficas.

Ali se fundou a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários no ano de 1926, a qual teria Estatutos aprovados dois anos depois, diploma refundido e actualizado em 10 de Dezembro de 1957.

No seu quartel-sede, que foi construído no decurso dos anos de 1937 a 1943, mantém-se um piquete pronto, em cada noite, a acorrer imediatamente aos locais de sinistro.

Bombeiros Voluntários de Sever do Vouga

A linha dos Caminhos de Ferro do Vale do Vouga, com máquinas de tracção tão velhas na idade como ultrapassadas na técnica, é o tradicional inimigo número um da segurança e da tranquilidade dos povos que a marginam; e vezes sem conta têm sido chamados os Bombeiros para acudirem a incêndios, alguns de grande vulto e altamente ruinosos, que lavram nas matas, ateados pelas fagulhas das locomotivas, desprovidas estas de qualquer válido dispositivo de segurança. «Para quê?!» — certamente se pensa — «Pois não existem os Bombeiros precisamente para extinguir os fogos?!». Só que esta inconcebível justificação apenas pôde apresentar-se para a zona de Sever do Vouga a partir do dia 1 de Janeiro de 1961.

Com efeito, foi no primeiro dia do primeiro mês do segundo ano da década - 60 que se fundou a Associação de Bombeiros Voluntários de Sever do Vouga, o que principalmente se deve à iniciativa do sr. Eng.º-Agrónomo Reinaldo Jorge Vital Rodrigues, seu Comandante desde a primeira hora — um homem decidido que, tendo no sangue familiares devotações pelas causas altruístas, sentiu a ingente e urgente necessidade da criação de um corpo de Bombeiros no concelho de Sever do Vouga.

Bombeiros Voluntários de Vagos

Conforme consta duma acta lavrada no livro competente, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vagos foi fundada em 15 de Dezembro de 1928. Mas, algum tempo depois, este corpo de Bombeiros seria municipalizado, para, posteriormente e novamente, passar às regras do voluntariado, pelas quais hoje se rege e governa.

Instituição de Utilidade Pública, com larga folha de serviços, teve meritória acção, designadamente, no incêndio que irrompeu no edifício do Governo Civil, na cidade de Aveiro, e, em 1969, no fogo das Matas do Caramulo, tendo actuado na zona de Castanheira do Vouga.

Os Corpos Gerentes da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vagos, tanto como o Comando do seu Corpo Activo, com a prestante colaboração de todos os seus elementos, empenham-se, presentemente, na angariação de verba para pagamento de um **jipão** com bomba acopulada e para levar a efeito importantes obras de restauro e adaptação do quartel-sede.

Associação dos Bombeiros Voluntários de Vale de Cambra

Foi no «Dia de Reis» — 6 de Janeiro — de 1960 que se fundou a Associação dos Bombeiros Voluntários de Vale de Cambra.

Em 19 e 20 de Agosto de 1969, os Bombeiros valecambrenses mostraram a valia dos seus serviços no Cabeço do Cão, em Agueda, principal sinistro a que foram chamados fora do seu concelho; mas, no tempo de mais de 9 anos que decorreu desde a fundação até àquele evento, e posteriormente, sempre cumpriram em todas as emergências com denodo e brio onde quer que a sua presença foi solicitada.

Empenha-se agora a Associação em levar a cabo o edifício para o seu quartel-sede — e importa relevar o nome do actual Presidente da Direcção, sr. Joaquim Almeida, que ao empreendimento tem dedicado o melhor dos seus erforços, bem secundado e encorajado pelo dinamismo do Comandante do Corpo Activo, sr. Dr. Armindo Matos.

Notícia sobre a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Feira

«João António de Andrade»

Por *Roberto Vaz de Oliveira*

A primeira tentativa, que conheço, para a fundação de um corpo de bombeiros, na Vila da Feira, data de 1845.

Neste ano, a Câmara Municipal, da presidência de Bernardo José Correa de Sá, em sessão de 16 de Abril, aprovou o orçamento para o ano económico 1845-1846, averbando 120 000 réis «Para a compra de uma bomba para apagar incêndios».

Não encontrei semelhante previsão em orçamentos anteriores, como não vi exarada, nos livros das suas actas, do registo de contas ou de mandados de pagamento, qualquer referência à compra, ou lançamento, que titulasse a aquisição, ou pagamento, de material para a extinção de incêndios.

Entretanto, a mesma Câmara, tomava providências cautelares para os evitar, fazendo incluir, nas posturas aprovadas em sessão de 16 de Março de 1849, um capítulo referente a «chaminés», com disposições muito severas, restritas porém aos dois maiores centros urbanos do concelho.

«São obrigados os habitantes desta villa e Arrifana a limpar e expurgar todos os meses as chaminés das casas em que habitam, sob pena de que, ateando-se incêndio nas mesmas chaminés, por falta de limpeza, serão multados em quatro mil reis».

Salienta-se neste preceito, além do exagero nos prazos, a dureza da penalidade, tomando-se em conta o calor da moeda no século passado, o que reflecte um angustiante estado de espírito, talvez por estar bem viva a memória de grande calamidade.

Idêntica matéria só ser epetiu na postura número 2 sobre «Incêndios e chaminés», aprovada pela Comissão Administrativa da Câmara Municipal em reunião de 7 de Agosto de 1937, cujas disposições ainda estão em vigor.

É curioso notar que, no código de posturas aprovado em sessão extraordinária da mesma Câmara Municipal de 29 de Maio de 1883 (o único que mediou entre as de 1849 e a de 1937), não se incluiram disposições tendentes a evitar os incêndios ou providências para acautelar a limpeza das chaminés, o que é para estranhar.

Na sessão da Câmara Municipal de 8 de Janeiro de 1876 — o Dr. Joaquim Vaz de Oliveira, na qualidade de seu vice-presidente, apresentou uma série de propostas que ficaram célebres nos anais do município.

Entre elas figura uma (número XXV) pedindo para «se tomar em considreação a necessidade da compra de uma bomba para incêndios» sendo nomeada uma comissão, para o seu estudo, formada pelo proponente e pelos seus colegas, advogados e vereadores, Drs. António Augusto de Araújo e Melo e Francisco Correa de Pinho, inscrevendo-se, no orçamento de 1876-1877, a rubrica «Despesa com uma bomba de incêndios e aprestes respectivos e com o pessoal — 300 000 réis».

Presidia ao município, o advogado Dr. Manuel Agusto Correa Bandeira.

Nada resultou de útil, salientando-se que, desta vez, além do custo da aquisição de material já se vê o gasto com bombeiros.

A população continuou a albergar-se no cómodo adágio de que só lembra S.ta Bárbara quando troveja .

Talvez porque tivesse trovejado com força, em 1888 agita-se, de novo, a ideia da organização do corpo de bombeiros nesta vila.

Repetiu-se o insucesso, continuando a contar-se, em momentos de perigo e de desgraça, apenas com a heróica coragem e a abnegada dedicação do povo.

Com o decorrer do tempo alertava-se mais a consciência pública, melhor estruturada no cumprimento das suas obrigações sociais e humanitárias e, cada vez mais, sacudida por terríveis espectáculos de dor e sofrimento.

Concorria favoràvelmente o exemplo da criação de corporações de bombeiros nos concelhos vizinhos.

Podemos até lembrar que a vila de Espinho, quando ainda pertencia administrativamente ao concelho da Feira, em 1895 fundou a sua Associação de Bombeiros Voluntários, para a qual a Câmara Municipal da Feira concorreu com um auxílio monetário.

Os acontecimentos desenrolados nesta vila e na vizinha freguesia de Fornos, durante a segunda década deste século, decidiram os feirenses a organizar a sua Associação de Bombeiros.

Em Dezembro de 1914 ardeu totalmente a casa da Quintã, na referida freguesia de Fornos, pertencente à ilustre família Correa de Pinho: perdeu-se grande parte do seu precioso recheio.

Em 1918 ardeu, nesta vila, a casa localizada defronte das escadas da Igreja Matriz, de Júlio Fernandes Pinto que, reconstruída, pertence hoje aos herdeiros de Manuel Pinto da Silva: apenas se salvou parte dos bens móveis.

Em 22 de Agosto de 1920, outro pavoroso incêndio consumiu um prédio da rua Direita (hoje do Doutor Guilherme Moreira), perto da Igreja da Santa Casa da Misericórdia, pertencente a D. Angélica e D. Edwiges Correa Leal, de Paços de Brandão. Desta vez acudiram os bombeiros de Ovar, que nada puderam fazer por terem chegado tardiamente.

Estava habitado pelo escrivão — notário, que foi desta vila, José da Silva Carrelhas e por sua família: pouco se salvou dos bens móveis, perdendo-se parte do seu cartório aí instalado.

Felizmente, em nenhum destes incêndios houve desastres pessoais embora as vidas dos seus moradores tenham corrido grave risco.

Este último acontecimento, que relembrou, com amargura, os que o precederam, está na origem directa da fundação da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Feira.

Na sessão da Câmara Municipal de 9 de Novembro desse ano, o vereador João António de Andrade, apresentou uma exposição para justificar o pedido que fez da aquisição de uma bomba e dos utensílios indispensáveis para a criação do serviço de extinção de incêndios no concelho prevendo, para tal efeito, um gasto de 1 219$00.

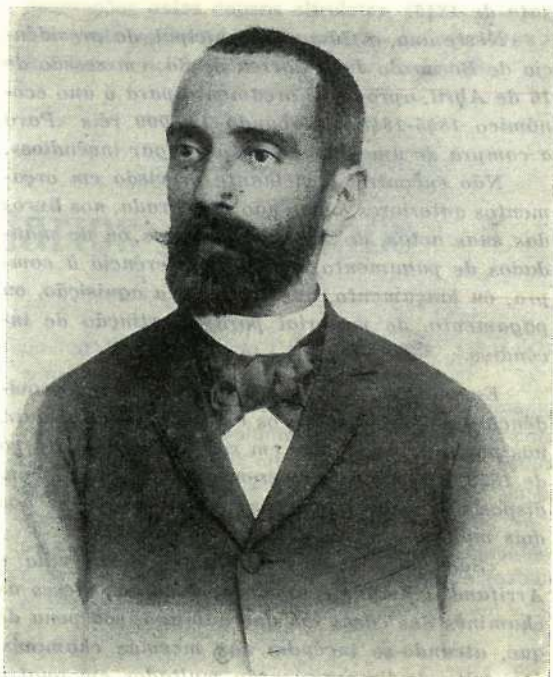
Foi deliberado que esta proposta fosse considerada no primeiro orçamento a fazer e que o proponente se entendesse com as agências de seguros existentes no mesmo concelho a fim de concorrerem para aquela despesa.

Era presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal, o advogado Dr. Vitorino Joaquim Correa de Sá.

Abriu-se uma subscrição que, acarinhada com grande entusiasmo por todo o concelho, alcançou grande êxito, elevando a Câmara Municipal a sua comparticipação para 2 225$00.

Também se recolheram as assinaturas para a inscrição dos associados fundadores que, em número de 74, em assembleia geral de 1 de Maio de 1921, aprovaram os seus estatutos e elegeram a comissão instaladora, formada por aquele João António de Andrade e Manuel Soares Correa, proprietários, Dr. Domingos Simões Trincão, advogado e notário, Alberto Coimbra, proprietário e comerciante e Manuel Marques, professor do ensino primário.

Assim se fundou a «Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Feira», que tomou o nome de «João António de Andrade».

Desde logo se iniciaram os respectivos exercícios com os bombeiros inscritos e providenciou-se na aquisição do material. Quis o destino que a primeira incorporação dos bombeiros, com seu

JOÃO ANTÓNIO DE ANDRADE
Fundador e Patrono da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Feira

uniforme e bandeira, estivesse reservada para a homenagem prestada à memória daquele seu patrono na missa do sétimo dia, por sua alma, em Junho seguinte.

Com o produto da subscrição adquiriu-se, no Porto, o material imprescindível que, festivamente, deu entrada na Vila da Feira em 1 de Janeiro de 1922, o que tudo se processou por intermédio do instrutor da jovem corporação — coronel A. de Laura Moreira.

Compunha-se de um carro com uma bomba braçal, escada de banchos e alguns acessórios, como mangueiras e um cabo destinado a salvamento, além do equipamento para 16 bombeiros.

O carro era puxado por uma parelha de muares pertencente a José Nunes de Azevedo, respeitável ourives da freguesia de Santa Maria de Arrifana, deste concelho.

O cortejo, acompanhado por aquele instrutor, pelos bombeiros Joaquim Gomes da Cruz, Viriato Mota, Alberto de Oliveira Bastos e Germano Marcos da Costa e muitas pessoas, deteve-se na praça de Camões (hoje Largo do Doutor Oliveira Salazar) tendo-se realizado, então, o ataque a um incêndio simulado na já aludida casa fronteira às escadas da Igreja Matriz, reconstruída por Júlio Fernandes Pinto.

Em 26 do mesmo mês, realizou o seu primeiro exercício no largo das Escolas (topo poente da rua do Dr. Cândido de Pinho) sob a direcção do seu primeiro comandante Óscar Rodrigues, fiscal dos impostos.

Em 1924 foi agregada à Associação, uma banda de música, fundada e regida por António Martins Soares Leite: hoje tem, apenas, uma fanfarra.

O seu primeiro quartel esteve instalado no largo das Eiras (Praça da República).

Tem edifício próprio, muito amplo, inaugurado em 20 de Janeiro de 1941, com as dependências necessárias para a recolha do material, para os serviços administrativos, para as suas actividades recreativas e vivenda para o quarteleiro e sua família: margina-o, pelo nascente, um vasto pátio onde se ergue a casa da escola para exercícios.

A sua brilhante actuação, em tempo que já se abeira do meio século, o espírito de sacrifício dos seus dirigentes e a coragem e dedicação dos seus bombeiros e comandantes em muitas emergências, algumas de grande e iminente risco, mereceram-lhe as seguintes distinções:

a) — Medalha de prata do Mérito Municipal, concedida pela Câmara Municipal da Feira na reunião de 16 de Janeiro de 1941, em atenção aos altos serviços prestados em defesa das vidas e das propriedades dos habitantes do concelho;

b) — Medalha de ouro, também do Mérito Municipal, concedida pela mesma Câmara e pelos mesmos motivos, na reunião de 3 de Dezembro de 1960;

c) — Grau de oficial da Ordem da Benemerência, por decreto de 1 de Outubro de 1932.

Foi ainda considerada «Instituição de Utilidade Pública», por despacho publicado no Diário do Governo, n.º 79, 2.ª Série, de 10 de Abril de 1928.

São, presidente da sua direcção e comandante dos bombeiros, respectivamente, António Lamoso Regal de Castro e António Neves Ferreira Brandão, que à corporação têm dedicado o melhor do seu esforço, com sacrifício e manifesto proveito.

O corpo activo é formado por 64 bombeiros, alguns em serviço de soberania no Ultramar.

A corporação possui as seguintes viaturas:

a) — Prontos-socorros: um carro de nevoeiro, um Land-Rover, um Bed-Ford fechado e um Chevrolet aberto.

b) — Ambulâncias: uma Wolkswagen, uma Peugeot e uma Mercedes-Benz.

Tem ainda um carro de comando aberto.

Depois de uma brilhante parada de viaturas de muitas Associações de Bombeiros Voluntários, aquele carro de nevoeiro e a ambulância foram inaugurados e benzidos numa expressiva cerimónia realizada no quartel dos Bombeiros, no passado dia 28 de Junho, recebendo os nomes, respectivamente, de «Coronel Alexandre Guedes de Magalhães» e «Condes de Fijô», descerrando-se, então, uma lápide comemorativa da visita ministerial.

Seguiu-se uma sessão solene que foi presidida por Sua Excelência o Senhor Ministro do Interior, com a presença dos Senhores Governador Civil de Aveiro, Presidente da Câmara Municipal da Feira, Conselheiro Dr. Albino Soares dos Reis, Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, Inspector do Serviço de Incêndios da Zona Norte, Reverendo Vigário — Pároco da Vila, deputado pelo Círculo de Aveiro e de outras individualidades, além de uma distinguida assistência, onde se destacavam muitas senhoras.

Nesta festa foi também inaugurada e benzida uma viatura da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Oliveira de Azeméis, a que foi dado o nome de D. Olinda Pereira de Carvalho, bela expressão da fraternidade que une as Associações de Bombeiros Voluntários do distrito que, naquela sessão, foi exaltada pelo senhor Governador Civil como prova da «unidade do voluntariado no distrito de Aveiro».

Na mesma sessão foram distribuídas muitas condecorações aos elementos do corpo activo, galardoado o valor e a dedicação manifestados em continuado serviço, durante longos anos.

Podemos distinguir, entre elas, as concedidas ao actual comandante — referido António Neves Ferreira Brandão, medalha dos serviços distintos de 2.ª classe da Liga dos Bombeiros Portugueses e ao sub-chefe, aludido Germano Marcos da Costa, medalha de prata do Mérito Municipal — da Câmara Municipal da Feira.

Neste concelho existem, mais duas Associações de Bombeiros Voluntários: a de Arrifana (1927) e a de Lourosa (1968).

Penso que me desculparão por não ter alcan-

çado a desejada síntese, tão necessária em trabalho condicionado a uma limitação de espaço.

Finalizo, como homem, como feirense e como um dos poucos sobreviventes dos associados fundadores, lembrando com saudade os que já morreram e saudando a nossa Associação e todos que nela trabalham, desejando-lhes as melhores prosperidades e os maiores êxitos na nobre missão a que estão vinculados, com votos para que vejam satisfeitos, cada vez mais, os seus generosos anseios de solidariedade humana.

Vila da Feira — Casa das Ribas, Julho de 1970

Bombeiros Privativos do Amoníaco Português

Uma instituição fabril com a amplitude e características do AMONÍACO PORTUGUÊS, S. A. R. L., impunha um específico sistema de prevenção contra sinistros, designadamente contra incêndios. E foi partindo desta ideia que se criou ali, em 26 de Junho de 1958, um corpo de Bombeiros Privativos, com um quadro inicial de 24 elementos subalternos e um Comandante.

O quartel está guarnecido com duas moto-bombas, ambulância, escada «magirus» e aspirador de gases, além de máscaras e escafandros próprios para todas as diversas e previsíveis emergências.

Entre outros, no incêndio da sub-estação da empresa, verificado em 1961, em que muito se distinguiu o Subchefe Amílcar Marques Correia — justissimamente louvado pela sua operosa actuação —, os Bombeiros Privativos do Amoníaco Português mostraram-se à altura da sua arriscada e humanitária missão.

Bombeiros Voluntários Privativos da Companhia Portuguesa de Celulose [Cacia]

DATA DA FUNDAÇÃO

Corresponde à data de apresentação na Inspecção de Incêndios da Zona Norte da 1.ª lista de Bombeiros Privativos, ou seja, 1/4/56.

FINALIDADE DO CORPO

Segundo o artigo 1.º do «Regulamento Interno» (actualizado) aprovado pelo Conselho Nacional do Serviço de Incêndios em 14/10/64, «O Corpo Privativo de Bombeiros Voluntários das Instalações Fabris da Companhia Portuguesa de Celulose constitui uma unidade que se destina à prestação de serviços de protecção contra incêndios e quaisquer outros sinistros, das vidas e bens da referida Companhia e do seu pessoal nas Instalações Fabris e Sociais, sitas em Cacia, onde o Corpo tem a sua Sede».

No mesmo Regulamento está prevista a possibilidade do Corpo Privativo de Bombeiros Voluntários das Instalações Fabris da Companhia Portuguesa de Celulose alargar a sua acção para fora da zona das Instalações Fabris, em Cacia, obrigando-se às determinações do Decreto n.º 38 439, de 27 de Setembro de 1951.

COMANDANTES

De 1/4/56 a 8/5/57 foi Comandante do Corpo o sr. Eng.º Barata da Rocha.

De 8/5/57 a 3/8/62 esse cargo foi ocupado pelo sr. José Luís Archer. A partir de 3/8/62 até ao presente momento o Comandante tem sido o sr. Dr. Lúcio de Jesus Lemos.

CONSULTOR TÉCNICO DO SERVIÇO DE INCÊNDIOS

O Serviço de Protecção Contra Incêndios das Instalações Fabris da Companhia Portuguesa de Celulose, de que faz parte integrante o Corpo Privativo de Bombeiros, dispõe, desde a sua criação, de um Consultor Técnico cujas funções foram desde sempre desempenhadas (com excepção do período em que esteve mobilizado em Angola) pelo sr. Eng.º Rogério Cansado, actual Inspector de Incêndios da Zona Sul e Comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros de Lisboa.

MEIOS DE QUE DISPÕE O CORPO

INCÊNDIOS OU PRINCÍPIOS DE INCÊNDIOS EM CUJA EXTINÇÃO TEM PARTICIPADO O CORPO

Ano	Na Fábrica	No exterior	Total
1965	15	3	18
1966	17	—	17
1967	24	2	26
1968	22	2	24
1969	17	2	19

Bombeiros Privativos da Fábrica da Vista Alegre

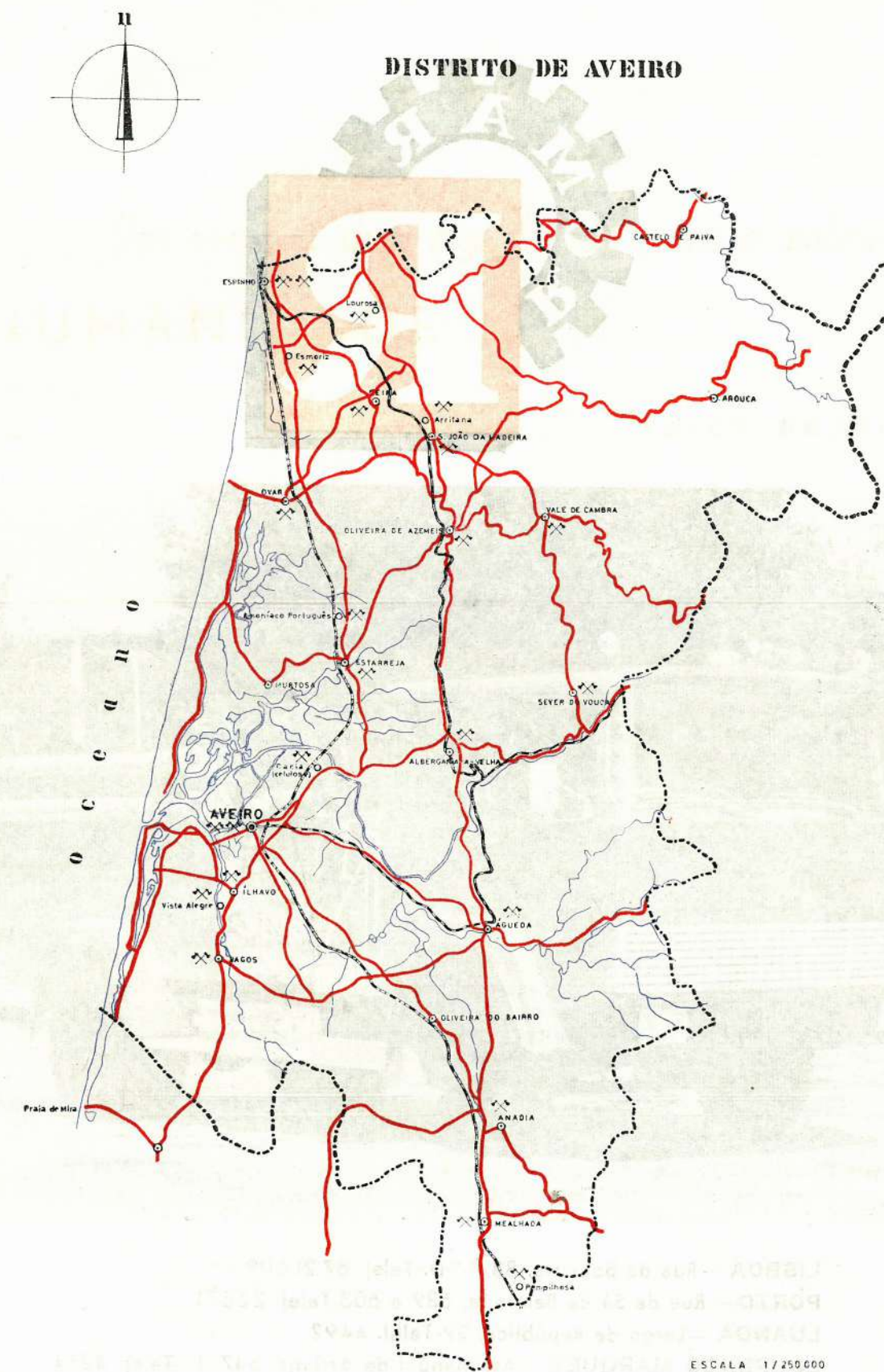
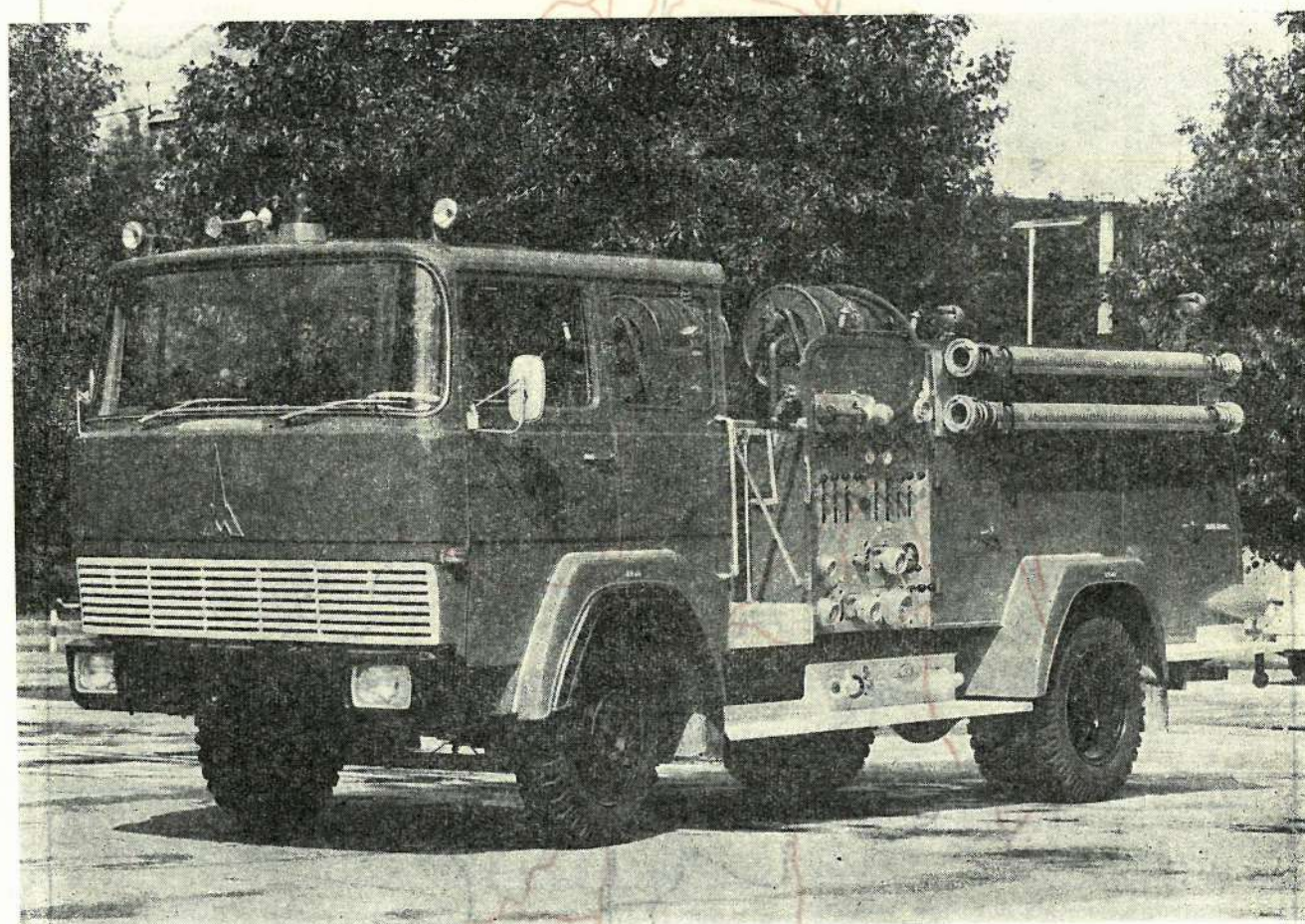
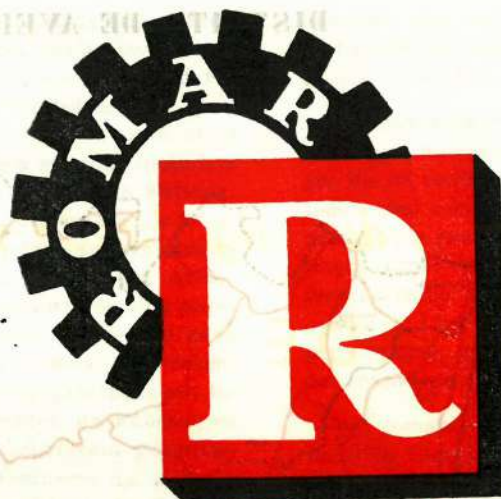
Foi no já muito recuado ano de 1880: a Fábrica de Porcelanas da Vista-Alegre, cujas sucessivas gerências sempre se revelaram ao nível do seu justificado prestígio — nos mais diversos aspectos, desde o laboral ao artístico e do especificamente fabril ao social e educativo — fundou então o seu corpo de Bombeiros.

É de acentuar que, não obstante ter sido tal iniciativa do exclusivo desejo e encargo da reputadíssima empresa — compreensivelmente mais

voltada para a prevenção de sinistros na sua área industrial e adjacentes zonas habitacionais de patrões, empregados e operários — nunca foi recusada a presença dos seus Bombeiros onde quer que os chamassem. E assim foi que, para além das corajosas intervenções nos grandes incêndios da oficina de pintura e da abegoaria da Fábrica, entre outros aqui de menores proporções, os Bombeiros da Vista Alegre deslocaram-se para o alarmante fogo que lavrava em Aveiro, aos Arcos, com sua bomba de madeira puxada por uma parelha de mulas, hoje peça de museu, que, vai para um século, tão bons serviços prestou. E já recentemente, além de muitos outras prseenças em locais diversos, por vezes distantes, da Fábrica, os Bombeiros da Vista Alegre acorreram generosamente à chamada para colaborarem na extinção do incêndio que eclodiu no edifício do Governo Civil de Aveiro.

Em 1926, Manuel de Oliveiros, de saudosa memória, deu novo incremento aos Bombeiros da Vista Alegre, que proficientemente e devotadamente comandou.

Sucedeu-lhe no comando Ângelo Gomes Ferreira, que, ao longo de 44 anos, dispensou à tarefa que lhe foi confiada, com raro empenho e eficiência, todo o seu tempo disponível — e por isso figura, com inteira justiça, nos quadros de honra da instituição, tanto como José Magalhães, que foi Chefe dedicadíssimo. E está ainda na memória de todos o saudoso Chefe António Antunes, instrutor competentíssimo, que aos seus Bombeiros sempre se deu inteiramente.

O comando dos Bombeiros Privativos da Fábrica da Vista Alegre está hoje nas mãos de um novo — no posto e na idade: Luís Nunes Pelicano — merecedor já de uma palavra de louvor pelo interesse que revela e pelo acerto da sua orientação.

Há procura dum significado para a palavra

HUMANIDADE

VASCO BRANCO

NASCEMOS pouco depois da guerra de catorze e a tempestade nazi apanhou-nos ainda na adolescência. Esses anos de incerteza e angústia deixaram-nos cicatrizes fundas e conduziram-nos a um hábito defensivo cujo escudo se chama cepticismo. Desconfiados, pois, não por natureza, mas pela impressão vivaz que a verificada falência de certas ensinanças, tidas como dogma, escreveram em nossa alma, desconfiados, não por natureza, mas pelo cansaço da praga de propagandas que pretendeu e pretende governar a opinião pública — se não o Mundo — , só muito cautelosamente nos atrevemos ainda à arbitragem duma questão ou a escolher guarida para certas atitudes.

Nesta nossa época em que são vulgares os termos **engenheiros de almas, mentalidades teleguiadas, epidemias psicológicas, opiniões dirigidas**, temos, mais do que nunca, larga justificação para essa desconfiança, para esse cepticismo. Ninguém desconhece que actualmente a propaganda alinha em majestade e eficiência ao lado de qualquer outra arma, e nós, os leigos, nem sempre estamos preparados para a destrinça entre o nobre metal e a ganga que o envolve, pois só o tempo poderá fazer subir a vil escória ao plano do nosso desprezo. A propaganda, todavia, não desfigura sòmente os propósitos das nações, as atitudes dos partidos políticos, a redacção dos comunicados da guerra: a propaganda pode desvirtuar ou valorizar o mais insignificante procedimento humano. É por isso que mais dificultosa se nos afigura a busca que empreendemos de um significado para a palavra **Humanidade.**

Quando determinámos procurar o significado desta palavra, o nosso primeiro ímpeto levou-nos a compulsar as definições dos dicionários e das enciclopédias. Foram lidas dezenas de vezes e finalmente abandonadas. Não conseguimos encontrar nessas definições calor suficiente. Abafadas em tecnicismo — aliás imprescindível à explanação das ideias — deixaram-nos um sabor a indiferentismo, provocaram-nos um prurido puramente epidérmico, que não se coadunavam bem com o nosso sentir. Tudo o que tentámos depois para fazer ganhar em veemência a definição, saiu verborreico e expletivo — e, por isso, nos agarrámos sôfregamente à tábua de salvação do chamado exemplo.

Quando nos dizem que o massacre do povo magiar é desumano, somos o primeiro a reconhecê-lo, como igualmente reconhecemos a desumanidade do bombardeamento atómico feito a Hiroshima e Nagasaki. Dirão certos argumentadores que, neste último caso, se tratava duma necessidade tendente a aproximar o fim da guerra. É muito possível que tenham razão; mas, se pretendermos encarar as coisas exclusivamente sob o ponto de vista **humano**, mantemos o que afirmámos, visto que a **humanidade** não pode usar para medida pontos de vista particulares deste ou daquele indivíduo, deste ou daquele grupo, deste ou daquela facção política, deste ou daquele país, deste ou daquele continente, desta ou daquela raça, desta ou daquela civilização. A **humanidade** é uma palavra sem limites — é uma palavra tão grande que alberga, no mesmo carinho, o trabalhador e o indigente,

o rico e o pobre, o branco e o negro, o ministro e o operário, o sábio e o ignorante, o nórdico e o dravidiano.

A maior parte das vezes, a **humanidade** entra em conflito com os interesses individuais ou de grupo, e a eles se tem que sacrificar quase sempre: quando os povos europeus chegaram ao Novo Mundo, o povo ameríndio viu a sua sentença de morte assinada e sem possível apelação; quando os japoneses chegaram às ilhas que constituem hoje a sua pátria, encontraram ali a raça ainú, que está em vias de extinção. Não vamos chorar sobre as campas frias destas fatalidades históricas; mas também não podemos, sem hipocrisia, chamar de **humanitários** aos invasores. A própria Natureza, tão cantada pelos poetas, teria que prestar largas contas se a chamássemos à liça pelo seu comportamento para com o bípede que — talvez... num momento de imprudência — dotou de cérebro...

A classificação de um acto sob o ponto de vista **humano** é muito subjectiva; o que para uns é louvável, outros condenam. Atitudes há, todavia, com tal cunho de **humanidade** que são imediata e unânimamente reconhecidas como tal.

Quando, no silêncio da noite, o lúgubre chorar da sereia avisa o bombeiro de que há gente em perigo, ele não trata de indagar se a casa a arder é de rico ou de pobre, de socialista ou monárquico, de branco ou de negro, de sábio ou de analfabeto, de cristão ou de ateu. E é precisamente nesta espontaneidade e neste desinteresse que vamos encontrar a definição mais adequada — e talvez mais capaz — para a palavra **Humanidade**.

JANEIRO DE 1957

O Bem pelo Bem

BARBOSA DE MAGALHÃES

CONTINUAMENTE se vêem nos jornais e em outros órgãos de publicidade apelos à caridade alheia, pedidos de esmolas, de socorros, subscrições a favor de homens, mulheres, crianças e colectividades, convites para espectáculos, concertos ou chás de caridade, com *bridge*, ou sem *bridge*, com *canasta*, ou sem *canasta*, com variedades, ou sem elas, e, felizmente, esses apelos e pedidos são frequentemente atendidos, essas subscrições recolhem bastantes donativos e esses convites são aceites, dando ensejo a serem cobradas receitas mais ou menos quantiosas.

E é tudo por bem.

Mas, infelizmente, esse *bem* poucas vezes é devido a puro altruísmo.

Há quem o faça para parecer *bem*; para ver o seu nome nos jornais, ou o seu retrato numa parede de certa colectividade; para ganhar o céu — quem dá aos pobres empresta a Deus — ; para ir divertir-se, comendo, bebendo, dançando, jogando e gozando os variados espectáculos que se lhe proporcionam.

Há ainda, com certeza, quem o faça por política, para conseguir partidários e votos — um subsídio com dinheiro seu, ou do Estado, ou de um órgão administrativo, para um sino duma igreja ou capela, para um marco fontenário, para uma fonte, ou calçada.

E até há quem o faça para simples satisfação da sua consciência, por impulsos da sua alma e do seu coração.

Entre estes beneficentes estão os bombeiros voluntários; e estão em primeiro lugar.

Porquê? Porque, mesmo dentre os que fazem o bem pelo bem, poucos são os que dão, ou sacrificam, aquilo de que precisam; em regra, dão ou sacrificam o que lhes é supérfluo.

Os bombeiros arriscam o seu sossego, o seu bem estar, a sua saúde e a sua própria vida — para evitar prejuízos aos outros, para lhes evitar os males físicos, que derivam das calamidades públicas, para salvar a saúde, a vida e até a fazenda dos outros.

O que dão, o que arriscam não é nada do que lhes é supérfluo e são dos poucos beneficentes que seguem o preceito moral — faz o bem, não olhes a quem.

Bem poucos são os que pensam que, de um momento para o outro, podem precisar do precioso auxílio dos bombeiros, que, já desde longe, se não limitam a evitar e a acudir aos incêndios, mas intervêm, com a sua valiosa acção, com todos os seus dedicados e inteligentes esforços, em todas as outras calamidades públicas.

Em regra, o egoísmo tem tal força que, contando com o altruísmo alheio, nem deixa pensar que de repente pode haver precisão de recorrer àqueles que estão sempre prontos para socorrer os outros.

No entanto, os bombeiros são daqueles altruístas que, aliás muito merecidamente, são olhados e respeitados com admiração e reconhecimento.

JANEIRO DE 1957

Está no Evangelho

PADRE M. CAETANO FIDALGO

EU não me enganarei se disser que a alma dos bombeiros está no Evangelho. O Evangelho é o cântico de todos os heroísmos e de todas as audácias. Nele se guardam, para a memória e a devoção dos séculos, o santo arrojo da Verónica, com o seu linho branco de piedade, e as lágrimas doloridas de Maria Madalena, esse pobre farrapito humano que não pediu licença a ninguém para beijar os pés de Jesus e sobre eles estender a toalha dos seus cabelos.

É certo que o Evangelho não fala de corporações, nem de ambulâncias, nem de machados, nem de agulhetas, nem de cabelos ao vento. Também não alude ao toque de qualquer sereia quando o fogo, erguido da terra, devorou de pronto as cidades de Sodoma e Gomorra.

O nome das coisas, porém, pouco importa. O que importa é a sua alma. É ao ritmo dos nervos e do sangue que se escalam as montanhas. Só por acaso, não se tocam as estrelas. Tem que vir de dentro a força para que se não parta a asa dos nossos sonhos. O amor, se não é virtude, há-de acabar ali perto, ao primeiro amuo ou à mais leve contrariedade.

Ora a vida dos homens que hoje aqui se louvam é uma legenda heróica de grandezas. Podem alguns nem sequer o suspeitar, mas neles existe uma alma a que eu chamo cristã.

Espanta-se a gente diante da força que os leva na corrida?! E admira-se do ímpeto que os não deixa parar de medo, que até os faz sorrir dele?! E comove-se quando o seu coração ainda palpita por cima de todas as ruínas?!

Espante-se e admire-se e comova-se a gente com a virtude que lhes põe nos olhos esta luz, e nos lábios esta febre, e no peito esta alma... — esta alma que está no Evangelho.

É Jesus Cristo quem o diz: — Tem a sua recompensa um copo de água fresca que se dá de beber a quem é pequenino e pobre, mas vai sedento pelo caminho.

Quando o fogo queima as casas ou as searas, o bombeiro-soldado desejaria que à roda de cada pedra nascesse uma fonte. Desejaria até realizar o milagre de trazer ali as ondas todas do oceano largo e profundo. Mas, porque não é de suas mãos esta força, como era da vara de Moisés, ele sofre — e chora.

Lágrimas benditas que apagam incêndios!

1 de Janeiro de 1957

Saudação

EDUARDO CERQUEIRA

NO meu tempo de miúdo — que me vai ficando já na recordação delido e indistinto como um sonho — o bombeiro disfrutava de um aliciante prestígio, que lhe conferia as auras e a dignidade de modelo para as nossas infantis tendências de macaqueação.

Estou em crer que a pequenada de agora, com as atenções absorventemente suscitadas pelos ases, as proezas e os pleitos desportivos, se suporia amesquinhada com a mera hipótese de lhe apontarem como praticável o nosso entretém anacrónico de «brincar aos bombeiros». Mas aqui há umas quatro décadas de anos, na época pré-civilizada em que os relatos radiofónicos não ocorreriam a uma imaginação divinatória tão fértil como a de um Júlio Verne, a bola de câmara de ar era quase tão inacessível como hoje o planeta Marte, e os brios nacionais ainda se arrastavam na triste indigência de não poderem enfeitar-se com os louros dos triunfos futebolísticos e quejandos.

Então, a petizada, a par de uns jogositos inglórios e sensaborões, de alguma tropelia ingénua, de qualquer aventurosa incursão em despique com a do bairro vizinho, aplicava a sua tineta de imitar os adultos e a irreprimível necessidade de agitar-se no arremedo desses homens generosos que, sem outro prémio além de servir o semelhante, arriscavam o sossego e a vida, e tinham o ânimo forte, a destreza atlética, o garbo inalterável e a olímpica indiferença pelos riscos mais inquietantes.

Com capacetes de papelão e machadas toscas de madeira, insígnias recortadas em papel de cor que a cola de sapateiro mal fazia aderir às blusas das horas de folguedo, ser «bombeiro» constituía um prazer e um orgulho.

Sem dúvida a impoluta farda de gala; o reluzente capacete metálico; as paradas e cortejos cívicos onde ao bombeiro se conferiam primazias de evidência; as inverosímeis agulhetas que esguichavam água até aos telhados das casas mais altas; as escadas articuladas com uma presteza insuperável; a capacidade acrobática dos participantes nos simulacros; os apitos dos comandantes, imperativos e milagreiros como uma varinha mágica que tudo movesse com disciplinada exactidão, exerciam uma forte influência na miudagem.

Mas, mais fundo e mais alto do que as exterioridades, impressionava o fervor que animava os homens à acção filantrópica; a abnegação individual diluída no trabalho de equipa e quase sempre relegada ao anonimato; o impulso de fraternidade humana, despida de quaisquer laivos de egoísmo, isenta de toda a sorte de predilecção e lateralidade; o ser o amigo do próprio inimigo, se adregasse de pender sobre ele a ameaça ou o dano.

Cingíamo-nos, decerto, ao que estava ao nosso alcance: à canhestra imitação, reduzida à escala do nosso material de fancaria e da compleição de petimetres com prosápias de meter lanças em África. Mas, para o resto, laborava em voos de águia, a fantasia desfreada e a inesgotável capacidade de sonhar e de crer nos sonhos como nas realidades mais autênticas.

Apagar o fogo convencionado, dominar labaredas imaginárias, arrancar ao suposto braseiro algum camarada, subalterno ou submisso, a quem fosse cometido o papel de entrevado, eram, ao fim, os nossos altos propósitos de humanitarismo platónico.

O que nos incentivava, o que incendia os nossos entusiasmos juvenis era a cintilação daquela «chama» que conduz a apagar as chamas, aquele arder no amor do próximo que traz a satisfação no esforço oferecido e torna a dor alheia mais merecedora do que a própria.

E, se tudo restava no âmbito da brincadeira improfícua, havia, por detrás da aparência insignificante, uma expansão do sentimento, um propósito puro de revestir a traquinice de um sentido que a sobrelevasse.

Assim fui «bombeiro», e dessa missão me reformei, ainda de calções. Bons tempos, os dos calções! Despi com eles inúmeras quimeras — que o fato de homem tolhe a gente para toda a vida...

Demiti-me de «bombeiro», e quantas coisas mais que desejaria ser! Ficou-me, todavia, mais consciente, embora inoperante, a tenaz admiração por esse voluntariado de bem fazer; a viva gratidão pela vigília em que permanentemente se coloca para acudir às aflições alheias; o apreço por essa forma nobilíssima de desinteressado sacrifício, a que não sei afoitar-me.

Fiquei na convicção de que exaltar os bombeiros corresponde a preitear uma virtude que é apanágio de poucos; e, mais do que serviços fruídos, é reconhecer o mérito de quem dá sem recompensa, e não a pede nem a ambiciona.

Fiquei no dever de lhes afirmar, em todos os ensejos que se me proporcionem, uma palavra de louvor e homenagem, se me não é lícito dizer de solidariedade. /.../

JANEIRO DE 1957

O MEU GRÃO DE INCENSO

Por D. JOÃO EVANGELISTA DE LIMA VIDAL

AS corporações dos bombeiros são compostas principalmente por gente do povo, trabalhadores, pescadores, operários, homens do campo ou das oficinas, das mais humildes profissões sociais.

Isto é uma verdadeira consagração, quase diria uma auréola de santidade. São os mais pobres, os deserdados, os que pouco ou nada têm a sofrer com o fogo, são esses mesmos, sem sombra de inveja, sem ressentimentos da sorte, que mais se esforçam e se arriscam para salvar a fortuna dos grandes. A mim, só pensar nisto, as lágrimas me vêm logo aos olhos. Não se pode ter uma alma mais heróica, mais magnânima.

Mas longe de mim poder pensar que esta espantosa magnanimidade seja privilégio exclusivo dos braços fortes do operário ou do cultivador dos campos. Todos se lembram de que, em Lisboa, quando os sinos tocavam a fogo, o primeiro a aparecer no local do sinistro, com os cabelos ao vento, com o machado e o martelo nas mãos, com o coração a desdenhar dos perigos, era o Infante D. Afonso, muito mais esplendoroso e mais belo no ataque ao incêndio do que pomposo e cheio de fausto nas cerimónias da corte. Até lhe ficou, com a pressa desses momentos, o nome popular e ingénuo com que o povo consagrou a sua pitoresca personalidade e, por assim dizer, lhe gravou no caixão: Arreda !

E, se aqueles que vivem mais do espírito e da inteligência do que da força dos músculos, os chamados intelectuais, não aguentam frente a frente com os esforços de lutas tamanhas, não deixam no entanto de comparecer no teatro do valoroso combate, fazendo aquilo de que é capaz a sua carne mais frágil: levar algum balde de água à mangueira ou ajudar em pequenos acessórios detalhes o génio e o esforço dos grandes trabalhadores. Todos ali se encontram juntos, verdadeiramente nivelados, nessa obra de salvação!

Aveiro, 29 de Dezembro de 1956

Companhia Portuguesa de Celulose

CACIA

Pasta para Papéis ★ Papéis ★ Cartão Canelado

Caixas ★ Sacos ★ Saquetas ★ Fita Gomada

FUNDADO EM 1884

TRADIÇÃO E PROGRESSO

PORTO · LISBOA

CONCESSIONÁRIOS DA

GENERAL MOTORS

Stand Justino

DE –

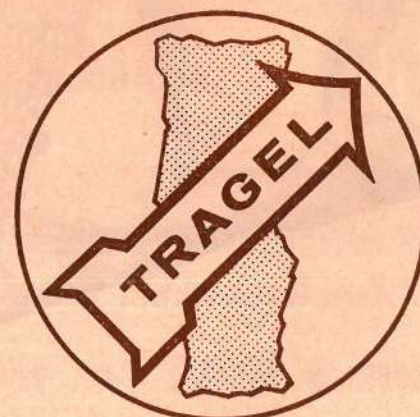
FRANCISCO SOARES PINHEIRO

(ENGENHEIRO)

Automóveis VAUXHALL
CHEVROLET – OPEL
BEDFORD Camions

Largo Luís de Camões (às 5 Bicas) 2, 2-A
Telefone 23593 AVEIRO

"TRAGEL"

TRANSPORTES

LONGO E PEQUENO CURSO

A EMPRESA TRANSPORTADORA DE TODAS AS EMBALAGENS DE PEQUENOS E GRANDES VOLUMES DA COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE PARA TODOS OS PONTOS DO PAÍS

SEDE EM LISBOA: ESTRADA DE BENFICA, 682-A TELEF. 701017/8
FILIAL EM CACIA: TELEFONE 91125

VASSOURARIA AVEIRENSE

(Quintino, Silva & Melo, L.da)

FUNDADA EM 1933

Fábrica de vassouras e escovas de piassaba, malas, etc.

(Diploma de honra em exposições nacionais)

Depósito de vendas e escritório:

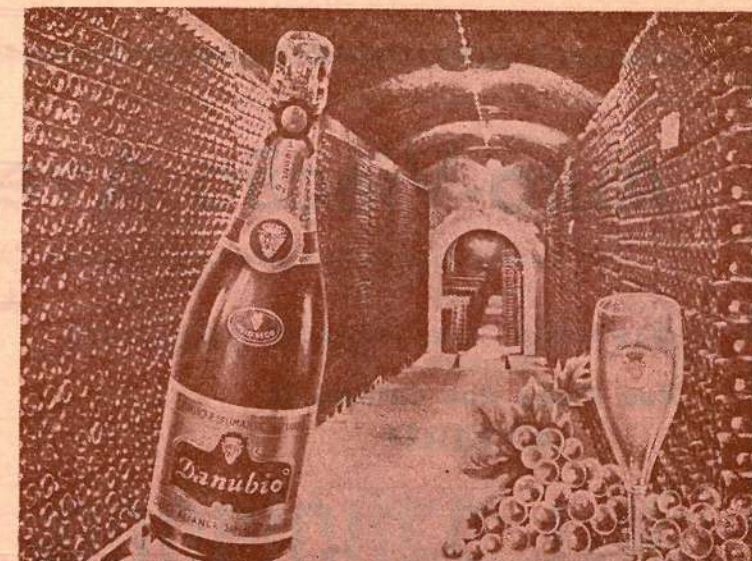
R. Conselheiro Luís de Magalhães, 44

Telefone 22277

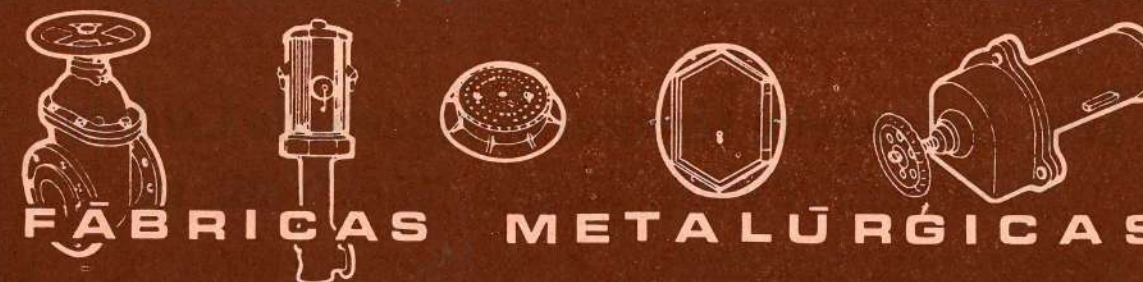
FÁBRICA:

AGRA DO NORTE

Telefone 23721

AVEIRO

CAVES ALIANÇA

SEDE: SANGALHOS • ARMAZÉNS EM LISBOA: Av. Marechal Gomes da Costa, 16

Espumantes Naturais • Vinhos de Mesa • Licores Superfinos Aguardentes Velhas

FÁBRICAS METALÚRGICAS

FUNDIÇÃO DE FERRO E LIGAS NÃO FERROSAS

artigos domésticos

acessórios para condutas adutoras

redes de distribuição de águas e de saneamento

aparelhagem agrícola e vinícola

acessórios para instalações eléctricas

artigos para construção civil

fundição em séries ou peça a peça, a partir de desenhos ou de modelos

orçamentos

laboratório privativo

AUGUSTO MARTINS PEREIRA, HERDEIROS

SEDE
ALBERGARIA-A-VELHA
TELEFS. 5 22 06/7
TELEGR. ALBA

DELEGAÇÃO EM LISBOA
R. DOS CORREEIROS, 40, 2.º-ESQ.
TELEFS. 32 13 63/4 • LISBOA-2
TELEGR. ALBA

A. Estrela Santos, L.da

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS E CHALES
(O MAIS ANTIGO DO DISTRITO)
VENDAS SÓ POR JUNTO
AVEIRO

DISTRIBUIDOR DIRECTO DOS TECIDOS
TEXLENE-TREVIRA
FRIXELENE
LALENE
NIPOTIX

Telefone n.º 22622 - Telegramas: Lanifícios - Apartado n.º 15

Ofcinas Metalúrgicas, L.da

ÁGUEDA

FUNDIÇÃO:
Fundição de ferro e de todos os outros metais, ferrosos e não ferrosos

CONSTRUÇÃO CIVIL:
Construção de Edifícios para fins Industriais

PERFIS ESPECIAIS:
Grande gama de perfis mais resistentes, mais leves e mais económicos

Apartado 46 — ÁGUEDA 2 — Portugal
Telefone 62722 — (G. Redes de Aveiro)

MERCEDES-BENZ

Veículos Automóveis Ligeiros
Veículos Comerciais Ligeiros
Veículos Comerciais Pesados

NSU / AUDI

Veículos Automóveis Ligeiros
Veículos Comerciais Ligeiros

MASSEY - FERGUSON

TRACTORES INDUSTRIAIS
TRACTORES AGRÍCOLAS
ALFAIAS AGRÍCOLAS

TODA UMA VASTA GAMA DE MODELOS DAS MARCAS MAIS CONSAGRADAS DO MUNDO

AGENTES DISTRITAIS:

AGÊNCIA COMERCIAL

L.da

Rua Conselheiro Luis de Magalhães, 15 — AVEIRO
Rua Oliveira Junior, 165, Tel. 23758 — S. JOÃO DA MADEIRA

R. D. Jorge de Lencaste, 3-2.º
AVEIRO • Telef. 24967

SEGUROS

SEDE: Largo do Corpo Santo, 13
Apartado n.º 2937 - LISBOA - 2
Telefone 30321

Padaria de Sá

O MELHOR FABRICO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICÍLIO

Telefones 22427 e 24522
Rua de Sá, 80-84 — AVEIRO

A Mercantil de Estarreja, L.da

armazenistas de: mercearias e similares, vinhos, cereais e legumes, sal, adubos, cal e cimento, etc.

Apartado, 3 — Telefs. 42209 - 42210
Teleg. MERCANTIL
ESTARREJA

ESTÚDIOS STÚDIOS

Henrique Ramos

Retratos de Arte - Novidades em passe-partouts
Trabalhos para amadores - Tudo para fotografia e cinema
ALBUNS PARA FOTOGRAFIA - ALBUNS
R Direita, 29 — Filial - Av. Dr. Lourenço Peixinho, 8 (Junto à Capitania) — Telef. 23827 PBX AVEIRO

RELÓGIOS

OMEGA E TISSOT

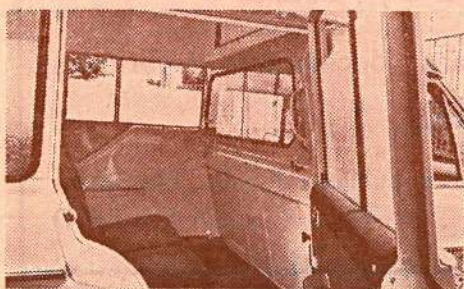
OURIVESARIA
Matias & Irmão, L.da
AVEIRO

Os Porcelanas de Aveiro, L.da

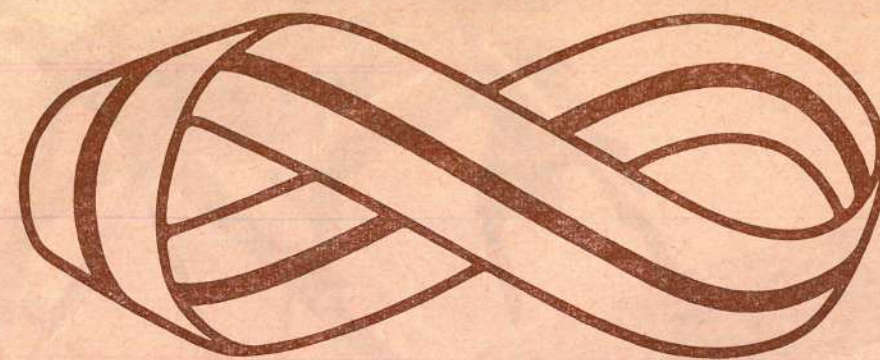
porcelanas ✶ cristais ✶ artigos para decoração e brindes
✶ equipamento hoteleiro ✶

Armazém: — Travessa de S. Martinho, 48 — Venda a público: Rua Dr. Nascimento Leitão, 12
AVEIRO

AMBULÂNCIAS MERCEDES-BENZ

sempre prontas
para o serviço
de urgência

Devido à sua excepcional resistência mecânica a ambulância MERCEDES-BENZ está sempre pronta para o serviço de urgência. Motor Diesel (maior economia e robustez), suspensão traseira adicional hidropneumática, 4 portas laterais, 1 ou 2 macas, 5 lugares sentados (2 ao lado das macas). Uma grande comodidade e segurança e a maior de todas as garantias: a marca MERCEDES-BENZ.

ENTREGA IMEDIATA

C. SANTOS S. A. R. L.
Avenida da Liberdade, 29, 41 · Lisboa
Filiais em: Porto · Coimbra · Braga · Faro · Olhão
Agentes em todo o País

Num mundo novo o Banco Novo

BANCO TOTTA & AÇORES

Este novo seguro de vida de A MUNDIAL, ajusta-se perfeitamente às suas necessidades. O Seguro Base garante:
1. A sua protecção na velhice ou invalidez.
2. A protecção dos seus familiares no caso do seu falecimento.
3. Aplicação segura e lucrativa das suas economias.

N'A MUNDIAL CADA SEGURO É MAIS SEGURO

DEXION

MANEIRA FÁCIL DE DIZER COBERTURAS...

Trouxemos para o nosso país uma nova indústria:
a cantoneira perfurada.
E já lá vão mais de 10 anos ...
Temos construído (quase) tudo — estantes, plataformas, coberturas, etc. — ou não fosse Dexion
versátil, económico, reutilizável,
qualidades de que ouviu falar, certamente.
Mas, no que se refere a coberturas, estamos
particularmente orgulhosos.
Mercê da nossa capacidade técnica e experiência,
temos construído as maiores e melhores coberturas
de cantoneira perfurada feitas em Portugal.
Daí poder dizer-se:

DEXION maneira fácil de dizer coberturas...

F. RAMADA
AÇOS E INDÚSTRIAS — S. A. R. L.
OVAR